

GABRIEL GIROTTI LAUTER

**UM ESTUDO DOS REQUISITOS PARA O MINISTÉRIO  
PASTORAL BASEADO EM I TIMÓTEO 3.1-7**

Monografia apresentada no curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista Pioneira para cumprir as exigências da disciplina de TCC II, sob a orientação do professor Antônio Renato Gusso.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA

IJUÍ

JUNHO / 2012

**FACULDADE BATISTA PIONEIRA**

**UM ESTUDO DOS REQUISITOS PARA O MINISTÉRIO PASTORAL  
BASEADO EM I TIMÓTEO 3.1-7**

---

**Autor:** Gabriel Giroto Lauter

---

**Orientador de Conteúdo:** Dr. Antônio Renato Gusso

---

**Avaliador de Forma:** Esp. Josemar Modes

---

**Avaliador de Português:** Esp. Luciano Gonçalves Soares

---

**Avaliador Final:** Esp. Erich Luiz Leidner

---

**Média Final**

**Aprovada em** \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

IJUÍ  
2012

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Jesus Cristo, que em sua imensa misericórdia e graça, me salvou e um dia me chamou para servi-lo. Agradeço a Dagmar, minha esposa amada (minha vida é muito mais alegre ao seu lado). Agradeço aos meus pais e familiares por todo apoio e por suas incessantes orações. Agradeço aos inúmeros irmãos e amigos, de diversas igrejas, que foram suporte para nós durante o período de seminário. Agradeço a todos os professores, que foram instrumentos de Deus, compartilhando seus conhecimentos comigo nesses quatro anos. Dedico a Jesus Cristo todo o meu louvor e adoração e aos demais deixo essas sinceras palavras: *“muito obrigado”*.

## RESUMO

O presente trabalho tem o objetivo de responder a pergunta: quais são os requisitos para o exercício da função pastoral na igreja? Para isso, inicia-se com um estudo sobre as palavras bíblicas que estão relacionadas com o ministério pastoral. Através desse estudo, percebe-se que as palavras “presbítero” (**presbu/teroj**, *presbuteros*), “bispo” (**(e)pi/skopo****j**, *episkopos*) e “pastor” (**poimh/n**, *poimên*) são utilizadas no NT de maneira intercambiável, referindo-se à mesma função de “pastor”, reconhecida atualmente nas igrejas evangélicas históricas. Na sequência, faz-se a delimitação da perícopes a ser estudada e apresenta-se uma breve introdução à carta de I Timóteo, demonstrando o contexto da mesma, estilo literário e que, embora certos teólogos questionem essa afirmação, possivelmente seu autor tenha sido o apóstolo Paulo. Timóteo, por sua vez, era seu aprendiz e ajudante no trabalho missionário. Por fim, é feita uma análise dos quinze requisitos para o ministério pastoral apresentados no texto de I Timóteo 3.1-7. Concluiu-se que esses requisitos não devem ser usados pela igreja somente como critérios para cobrar de seus ministros, mas que a igreja deve também ter a visão de auxiliar seu pastor para que esse possa se desenvolver nas áreas citadas para desempenhar de maneira cada vez melhor seu ministério.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

### Versões da Bíblia:

ARA.....Almeida Revista e Atualizada

NVI .....Nova Versão Internacional

NTLH.....Nova Tradução na Linguagem de Hoje

### Abreviaturas:

AT.....Antigo Testamento

NT .....Novo Testamento

cap .....capítulo

p. ....página

s/ss.....seguinte/seguintes

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
<b>I. TERMOS LINGUÍSTICOS RELACIONADOS.....</b>	<b>10</b>
1.1 presbu/teroj (presbítero ou ancião) .....	10
1.2 e pi/skopoj (bispo ou supervisor) .....	12
1.3 e piskope/w (supervisionar ou olhar).....	15
1.4 e piskoph (episcopado ou ofício do bispo) .....	16
1.5 poimh/n (pastor) .....	17
1.6 poimai/nw (pastorear) .....	18
1.7 Seriam termos intercambiáveis no NT? .....	19
1.8 Escolha do termo a ser usado no restante do trabalho .....	22
<b>II. ANÁLISE PRELIMINAR DO TEXTO .....</b>	<b>24</b>
2.1 Delimitação da perícopes.....	24
2.1 Contexto da escrita.....	25
2.2 Estilo literário.....	25
2.3 Questão da autoria .....	26
2.4 O destinatário.....	28
<b>III. OS REQUISITOS PARA A FUNÇÃO PASTORAL .....</b>	<b>31</b>
3.1 a nepi/lhptoj (irrepreensível) .....	32
3.2 mia=j gunaiko\j andra (marido de uma só mulher) .....	34
3.2.1 Celibato .....	35
3.2.2 Casamento .....	35
3.2.3 Segundo casamento .....	36
3.2.4 Poligamia.....	38
3.2.5 Fidelidade matrimonial .....	39
3.3 nefa/lioj (sóbrio, temperante ou moderado).....	41
3.4 sw/frwn (prudente, ou também sóbrio).....	42
3.5 ko/smioj (respeitável, modesto ou simples) .....	43
3.6 fi lo/cenoj (hospitaleiro) .....	44
3.7 didaktiko/j (apto para o ensino) .....	45
3.8 mh\ pa/roinoj (não apegado ao vinho).....	47

3.9	mh\ p h/kthj (não violento) .....	49
3.10	e pieikh=j (amável) .....	50
3.11	amaxoj (pacífico) .....	51
3.12	a fi la/rguroj (não apegado ao dinheiro) .....	52
3.13	pro i+sthmi (governar bem a família) .....	53
3.14	mh\ neo/futoj (não novato, ou não novo convertido).....	56
3.15	marturi/a (bom testemunho perante os de fora) .....	57
CONCLUSÃO .....		60
REFERÊNCIAS .....		62

## INTRODUÇÃO

Há muitos séculos, um servo do Senhor Jesus escreveu: “se alguém deseja o episcopado (*episkopos*), excelente obra deseja”.<sup>1</sup> De fato, o trabalho de um bispo (também chamado pastor) é algo único, repleto de desafios e realizações. O pastor trabalha com o que há de mais precioso para Deus: vidas de homens e mulheres. Ele também carrega a mensagem mais preciosa: o Evangelho da graça de Jesus.

Durante o período de estudos no curso de teologia, foi possível ouvir testemunhos a respeito do reconhecimento e do respeito prestado aos pastores há alguns anos. Contudo, infelizmente, hoje essa não é mais a realidade para muitos. A função pastoral tem sido mal vista na sociedade. Tal fato deve-se a diversos e diferentes fatores. Em primeiro lugar, perdeu-se a noção do que significa ser um pastor na igreja. Em segundo, pessoas mal preparadas e algumas vezes mal intencionadas têm se autodenominado pastores e causado grandes prejuízos à igreja através de um mau testemunho.

A Bíblia, no texto de I Timóteo 3.1-7, deixa claro que o ministério pastoral é algo sério e que há alguns requisitos essenciais para aqueles que desejam executar tal tarefa na igreja. Na realidade atual brasileira, é necessário que a igreja retorne às Escrituras para que haja um resgate do verdadeiro significado da função pastoral. Também é preciso que as igrejas locais saibam avaliar os candidatos a tal ministério e que esses deem testemunho de que possuem um chamado do Senhor para tal. Nesse contexto, deve-se responder a pergunta: quais seriam hoje os requisitos para que alguém possa exercer um ministério pastoral na igreja?

Esse trabalho procura responder essa questão através de um estudo do texto de I Timóteo 3.1-7 e de uma pesquisa bibliográfica a diferentes autores e comentaristas bíblicos. A abordagem do tema iniciou-se com uma pesquisa a respeito dos diferentes

<sup>1</sup> Texto bíblico de 1 Timóteo 3.1, NVI



termos gregos relacionados com o ministério pastoral. Rapidamente se percebeu que o próprio termo “pastor” não é o mais utilizado nas Escrituras como referência ao que hoje compreendemos como “ministério pastoral”. Ao invés da palavra “pastor”, as Escrituras usam de forma muito mais freqüente as palavras que hoje seriam normalmente traduzidas como “ancião” ou “bispo”.

Em seguida, foi realizada uma análise preliminar do texto avaliando aspectos como estilo literário, contexto, autoria, etc. Essa análise é importante, pois se entende que todo texto bíblico deve ser analisado sob a luz do seu contexto histórico e literário. Ao realizar essa abordagem, constatou-se que atualmente há certa divergência entre os autores e teólogos com relação a autoria do texto em questão. Após a pesquisa, se optou, em virtude de diversos argumentos que serão apresentados, por aceitar a autoria paulina da carta a Timóteo.

Por fim, realizou-se um estudo dos quinze requisitos apresentados pelo autor bíblico. Nesse estudo, foi feita uma análise de diversos termos gregos, normalmente identificando a raiz da palavra e sua utilização também em outros contextos, sempre com o objetivo de trazer maior luz ao seu significado. Alguns dos requisitos são bastante claros, enquanto outros geram algumas dificuldades de interpretação. É preciso admitir que, em algumas situações, não foi possível chegar a uma conclusão definitiva e ficará a cargo do leitor optar por qual interpretação julgar ser a mais correta. Mesmo assim, espera-se que este trabalho possa contribuir para um resgate dos padrões bíblicos, instituídos e desejados pelo Senhor, para o exercício do ministério pastoral.

# I TERMOS LINGUÍSTICOS RELACIONADOS

Antes de se iniciar o estudo da perícopre de I Timóteo 3.1-7, são necessários alguns esclarecimentos a respeito da terminologia utilizada neste trabalho e de sua relação com os termos presentes nas Escrituras.

Atualmente, as palavras “pastor” e “ministério pastoral” tornaram-se bastante usuais no contexto evangélico. Contudo, na Bíblia, em especial no Novo Testamento (NT), os termos normalmente empregados ao se fazer referência aos líderes da igreja local são outros. Eles são, em ordem de frequência: a) ancião ou presbítero (**presbu/teroj**, *presbuteros*); b) pastor (**poimh/n**, *poimên*); e; c) bispo (**e)pi/skopo****j**, *episkopos*).<sup>2</sup>

A seguir será apresentada uma análise de cada um destes termos individualmente, bem como de outros termos derivados.

## 1.1 **presbu/teroj** (presbítero ou ancião)

Conforme Coenen, o termo **presbu/teroj** (*presbuteros*) pode ser traduzido como: “mais velho”, “ancião”, ou ainda “presbítero”.<sup>3</sup> De acordo com Ferreira, esse seria o termo de dignidade do pastor, pois “os anciãos sempre mereceram respeito em virtude de suas experiências de vida. Não só respeito, mas honra também”.<sup>4</sup>

Segundo Kittel, a análise de escritos antigos que não fazem parte do cânon cristão identifica o uso do termo **presbu/teroj** (*presbuteros*) nos seguintes contextos: a) como meio de designar idade mais avançada de uma pessoa em relação à outra; e; b)

<sup>2</sup> De fato o termo **presbu/teroj** é o mais presente no NT (67 vezes), seguido por **poimh/n** (18 vezes) e por último **e)pi/skopo****j** (5 vezes). Contudo, o substantivo **poimh/n** só é utilizado uma vez, em Ef 4.11, referindo-se ao contexto de igreja.

<sup>3</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 223.

<sup>4</sup> FERREIRA, E. Vade-mecum do obreiro e da igreja, p. 138s.

como título político para designar o presidente de um colégio. Contudo, no NT a idéia política do termo não se encontra presente.<sup>5</sup>

Já no judaísmo do primeiro século, o termo assumia um duplo sentido, podendo ser utilizado como referência às pessoas de mais idade, mas também como referência aos líderes religiosos da sinagoga. Este duplo sentido da palavra por vezes gera dificuldades para a interpretação de certas passagens do NT. Pois, conforme afirma Kittel, nem sempre é possível distinguir com clareza entre estes dois significados.<sup>6</sup>

Além dos significados já mencionados, a palavra é usada como referência a seres celestiais, na visão apocalíptica de João. Assim, pode-se dizer que no NT **presbu/teroj** (*presbuteros*) adquire quatro significados distintos:

- 1) membros eleitos do sinédrio (Mt 15.2; 16.21; 26.3; Mc 7.3; 8.31; 14.43; Lc 7.3; 9.22; At 4.5; 6.1; etc.);
- 2) líderes locais na igreja cristã (At 14.23; 15.2; 15.4; 16.4; 21.17-18; 1 Tm 5.17; Tt 1.5; Tg 5.14; etc.);
- 3) pessoas de mais idade (1 Tm 5.1; 1 Pe 5.5; 2 Jo 1.1; etc.); e;
- 4) seres celestiais (Ap 4.4; 4.10; 5.8; 5.11; 11.16; etc.).<sup>7</sup>

Tudo indica ser correto pensar que o uso do termo como referência aos líderes locais da igreja primitiva derivou-se do seu uso no contexto judaico. Segundo Kittel, a origem do termo encontra-se nas antigas instituições tribais de Israel.<sup>8</sup>

Douglas destaca que, no Antigo Testamento (AT), os “anciãos de Israel” são mencionados com frequência. Também afirma que, no primeiro século, era o concílio de anciãos que normalmente governava a sinagoga.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento, p. 219ss.

<sup>6</sup> *Ibidim*, p. 220.

<sup>7</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 229.

<sup>8</sup> KITTEL, G. *Op. Cit.*, p. 223.

<sup>9</sup> DOUGLAS, J. D. O Novo Dicionário da Bíblia, p. 1314.

No contexto da igreja, o livro de Atos mostra em diversas passagens a presença de “anciãos” ou “presbíteros” na comunidade primitiva de Jerusalém. Paulo e Barnabé também designavam presbíteros nas igrejas pelas quais passavam.<sup>10</sup>

Entretanto, no contexto cristão, embora o nome “ancião” ou “presbítero” continuasse sendo o mesmo, a função exercida possuía claras diferenças. Os presbíteros da igreja exerciam, por exemplo, a visitação pastoral aos enfermos. No contexto judaico essa prática não é mencionada nas Escrituras.<sup>11</sup>

O termo **presbu/teroj** (*presbuteros*) tornou-se o título de honra dos membros da igreja que cuidavam dos demais membros e da vida da própria igreja. Diversas passagens dão a entender que sua operação era em caráter colegiado. Também se incluem nesse grupo aqueles que presidem, pregam e ensinam.<sup>12</sup>

## 1.2 e)pi/skopo**j** (bispo ou supervisor)

A palavra e)pi/skopo**j** (*episkopos*) tem seu sentido original mais claramente expresso quando traduzida pelas palavras “supervisor” ou “vigia”, embora seja, no contexto da igreja, normalmente traduzida pelo vocábulo “bispo”.<sup>13</sup>

Formado a partir da raiz grega **σχεπ-** (*schep*) com o prefixo **επι** (*epi*), o termo e)pi/skopo**j** (*episkopos*) está relacionado à atividade de olhar ou atentar para uma pessoa ou coisa. Na literatura secular, chegou a ser utilizado para identificar divindades, indicando que estas estariam a vigiar um determinado país ou povo, ou

<sup>10</sup> KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento, p. 236.

<sup>11</sup> DOUGLAS, J. D. O Novo Dicionário da Bíblia, p. 1314.

<sup>12</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 230.

<sup>13</sup> KITTEL, G. *Op. Cit.*, p. 193.

ainda homens que possuíam posição de responsabilidade no estado. Foi posteriormente que o uso do termo estendeu-se às comunidades religiosas.<sup>14</sup>

Segundo Brown, **episkopoi** (*episkopoi*), plural de **episkopos** (*episkopos*), podia ser aplicado a homens ou a deuses em um sentido geral. Muitas inscrições e papiros também empregam a palavra para se referir a magistrados que administravam as rendas de templos pagãos.<sup>15</sup>

Kittel apresenta quatro diferentes usos do termo no grego extrabíblico:

- 1) referindo-se a deuses que velam sobre os homens e coisas entregues à sua proteção;
- 2) indicando homens que exercem as funções de supervisores, vigias ou espiões;
- 3) referindo-se ao homem cínico, “portador de uma missão divina no mundo, como profeta e pregador do arrependimento, que ataca a vida corrupta de seus semelhantes”; e;
- 4) para homens que exercem um cargo ou função pública.<sup>16</sup>

Na Septuaginta, há uma passagem em que o termo **episkopos** (*episkopos*) é usado referindo-se a Deus, trata-se da passagem de Jó 20.29. O texto diz: “*Esse é o destino que Deus dá aos ímpios, é a herança designada por Deus para eles*”. O termo grego usado na situação em destaque para se referir a Deus é **episkopos** (*episkopos*).

No que se refere aos homens, “a Septuaginta não reconhece o título **episkopos** (*episkopos*) como descrição técnica de um cargo ou de uma função. Mas usa-o no sentido de „intendente” de diferentes modos”.<sup>17</sup>

<sup>14</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 220.

<sup>15</sup> DOUGLAS, J. D. O Novo Dicionário da Bíblia, p. 220.

<sup>16</sup> KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento, p. 193ss.

<sup>17</sup> *Ibidem*, p. 201s.

No NT, o termo é aplicado a Jesus Cristo em I Pedro 2.25<sup>18</sup>, ao ofício apostólico e também aos líderes de uma congregação local.<sup>19</sup> Conforme Kittel, o termo é muito adequado a Cristo, pois ele é “quem melhor conhece as almas e todos os seus segredos”. O autor alerta que os pregadores carismáticos do Evangelho (apóstolos, profetas, doutores) que se deslocavam entre diferentes localidades não recebiam essa designação, mas somente aqueles que se dedicavam ao cuidado da comunidade local.<sup>20</sup>

É interessante a passagem em que Paulo dirige-se aos líderes da igreja de Éfeso (At 20.17-38). Nesse diálogo, o apóstolo chama todos os **presbuteroi** (*presbuteroi*) indistintamente de **episkopoi** (*episkopoi*). Para Kittel, o primeiro termo é conveniente devido à posição exercida por eles na comunidade, já o segundo termo por sua tarefa. A tarefa dos **episkopoi** (*episkopoi*) seria de “pastorear o rebanho” (v. 28). Isso está em conformidade com as orientações de Pedro presentes em I Pedro 5.2: “*Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir*”.<sup>21</sup>

Ainda sobre o texto de Atos cap. 20, Paulo deixa claro que o chamado para que os homens fossem feitos **episkopoi** (*episkopoi*) era obra do Espírito Santo. Também se percebe que havia vários **episkopoi** (*episkopoi*) em uma mesma comunidade, não havendo nenhuma distinção de ordem.<sup>22</sup> Grudem afirma que no NT não há referências de que haveria um único bispo na igreja local. Para o autor, isso não deve ser visto como algo accidental, pois “Jesus não deixou um com autoridade sobre os outros, mas sim um grupo de doze que tinham igual autoridade de governo”.<sup>23</sup>

<sup>18</sup> I Pedro 2.25 diz: “*Pois vocês eram como ovelhas desgarradas, mas agora se converteram ao Pastor e Bispo de suas almas.*”

<sup>19</sup> DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*, p. 220.

<sup>20</sup> KITTEL, G. *A Igreja no Novo Testamento*, p. 204.

<sup>21</sup> *Ibidim*, p. 204s.

<sup>22</sup> *Ibidim*, p. 204s.

<sup>23</sup> GRUDEM, W. *Teologia Sistemática*, p. 775.

Kittel discorre acerca da evolução da posição dos bispos ao longo da história da igreja cristã. Falando sobre quando essa atividade livre tornou-se uma designação de cargo estável, afirma:

Deve-se responder que houve um processo evolutivo necessário desde o começo... Em Atos 20.28, Paulo dirige suas palavras a um círculo bem determinado cujos membros podem ser denominados *presbuteroi* ou *episkopoi*, para distingui-los de outros. E esses homens têm consciência da sua vocação... Quando Paulo em Fl 1.1 manda saudações “a todos os santos em Cristo Jesus que estão em Filipos”, juntamente com os “episcopos” e os “diáconos”, com estas últimas palavras ele designa pessoas da comunidade que são precisamente conhecidas por esses nomes.<sup>24</sup>

Contudo, a partir do segundo século, a palavra bispo passou a referir-se a alguém com autoridade sobre diversas igrejas. Conforme dito por Grudem, este foi um desdobramento posterior do termo que não é encontrado no NT.<sup>25</sup> Severa também afirma que “o conceito moderno de bispo é diferente daquele do NT”.<sup>26</sup>

O modelo de episcopado diocesano adotado por algumas igrejas não se encontra presente no NT. Sobre isso, Hoppin afirma que:

O episcopado diocesano, ou sistema de bispado de uma pluralidade de igrejas ou de um distrito, apesar de ter realmente começado a aparecer já no segundo século, e ter sido plenamente estabelecido no tempo de Cipriano, é, segundo Whatlei, um distanciamento essencial do cargo essencial de bispo do NT.<sup>27</sup>

Além do substantivo  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\pi\omicron\varsigma$  (*episkopos*), também está presente nas Escrituras o verbo  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\epsilon\omega$  (*episkopeô*) conforme será visto a seguir.

### 1.3 $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\epsilon\omega$ (supervisionar ou olhar)

<sup>24</sup> KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento, p. 205.

<sup>25</sup> GRUDEM, W. Teologia Sistemática, p. 767.

<sup>26</sup> SEVERA, Z. A. Manual de Teologia Sistemática, p. 377s.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p. 377s.

Conforme Brown, o verbo  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\epsilon/w$  (*episkopeô*) pode significar “observar”, “passar em revista”, “fiscalizar”, “vigiar”, “escrutinar” e também “inspecionar” ou “examinar”. Ele afirma também que o verbo e seus cognatos “ressaltam cuidados ativos e responsáveis por aquilo que foi visto”.<sup>28</sup>

O termo ocorre somente duas vezes no NT. Em uma delas, Pedro orienta os presbíteros da igreja dizendo “pastoreiem o rebanho de Deus... olhem por ele”. Essa expressão “olhem por ele” é expressa no texto original pelo verbo  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\epsilon/w$  (*episkopeô*).

A outra passagem em que o termo ocorre expressa ideia de cuidado. Em Hebreus 12.15 lê-se: “cuidem que ninguém se exclua da graça de Deus”. Nessa expressão encontra-se novamente o verbo  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\epsilon/w$  (*episkopeô*). Aqui, as palavras são dirigidas a todos os cristãos e não somente aos líderes da igreja, o que deixa claro que a ação expressa pelo verbo tem um sentido amplo e geral, não sendo algo particular somente aos bispos ou presbíteros.

#### 1.4 $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\phi$ (episcopado ou ofício do bispo)

Além do verbo  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\epsilon/w$  (*episkopeô*), há ainda o termo  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\upsilon\phi$  (*episkopê*), que pode ser traduzido por “investigação”, “inspeção” ou “visitação”. A palavra pode representar um ato humano ou divino. Também pode indicar um cargo de supervisão ou ainda a posição de um presbítero ou ancião da igreja.<sup>29</sup> Outras possibilidades seriam “superintendência”, “episcopado” ou “o ofício do bispo”.<sup>30</sup>

<sup>28</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 220.

<sup>29</sup> THAYER, J. H. THAYER'S GREEK DEFINITIONS.

<sup>30</sup> STRONG, A. H. STRONG HEBREW AND GREEK DICTIONARIES.



Conforme Champlin, o termo grego *ἐπίσκοπος* (*episkopê*) indica o ofício do supervisor, sua idéia fundamental é “a função da supervisão, que consiste em olhar do alto alguma tarefa que estiver sendo realizada”.<sup>31</sup>

Embora haja cinco ocorrências para o termo *ἐπίσκοπος* (*episkopê*) no NT, “se emprega pela primeira vez em I Timóteo 3.1 para designar um ofício definido, ao qual alguém poderia aspirar”.<sup>32</sup> Conforme foi visto anteriormente, Kittel acredita que houve uma evolução gradativa da função do *ἐπίσκοπος* (*episkopos*). Em 1 Tm, *ἐπίσκοπος* (*episkopê*) já é um cargo bem determinado ao qual alguém poderia aspirar.<sup>33</sup>

### 1.5 *ποιμήν*/n (pastor)

Conforme Brown, o termo *ποιμήν* (*poimên*) ocorre no total dezoito vezes no NT, sendo nove vezes nos evangelhos sinóticos, seis vezes em João, uma vez em Hebreus, 1 Pedro e Efésios.<sup>34</sup> Para Martins, esse é o termo de ternura que designa as tarefas do ministro de apascentar e de pastorear, as quais exigem afetividade, renúncia e amor.<sup>35</sup>

A palavra é com frequência usada para Cristo que, segundo as Escrituras, possui a missão de pastor. As referências apresentam-no como “pastor chefe” ou “supremo pastor” (Hb 13.20, 1 Pe 5.4), “pastor e bispo” (1 Pe 2.25), e também como “bom pastor” (Jo 10.11,14).<sup>36 37</sup>

Embora possa causar surpresa para algumas pessoas, a palavra *ποιμήν* (*poimên*), traduzida por pastor, é muito pouco usada no NT referindo-se aos oficiais da igreja. De fato ocorre somente uma vez com essa finalidade (Ef 4.11). Nesses casos, os termos

<sup>31</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 307.

<sup>32</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 223.

<sup>33</sup> KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento, p. 206.

<sup>34</sup> BROWN, C.; COENEN, L. *Op. Cit.*, p. 1589.

<sup>35</sup> MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 54.

<sup>36</sup> DOUGLAS, J. D. O Novo Dicionário da Bíblia, p. 1213.

<sup>37</sup> SEVERA, Z. A. Manual de Teologia Sistemática, p. 376.

**presbu/teroj** (*presburetos*) e **e)pi/skopoj** (*episkopos*) são utilizados com uma frequência muito maior.<sup>38</sup>

No texto de Efésios 4.11, o termo grego presente é **poime/naj kai\ didaska/louj** (*poimenas kai didaskalous*) que pode ser traduzido por “pastores e mestres”. Segundo Brown, nesse caso, pastores ainda não seria um título oficial, pois, segundo os textos de 1 Pe 5.1 e At 20.17, os líderes das igrejas ainda seriam chamados de **presbuteroi** (*presbuteroi*). Ou, conforme At 20.28, seriam chamados de **episkopoi** (*episkopoi*). Entretanto, é possível perceber nos textos de 1 Pe 5.2-4, At 20.28, Jo 21.15-17 que estes exercem claramente a função de pastoreio do rebanho.<sup>39</sup>

### 1.6 poimai/nw (pastorear)

Embora o substantivo **poimh/n** (*poimên*) não seja frequente no NT referindo-se aos oficiais da igreja, o verbo **poimai/nw** (*poimainô*) traduzido como “pastorear”, ocorre duas vezes como uma tarefa designada por Paulo aos presbíteros da igreja.<sup>40</sup> Em 1 Pe 5.2, Pedro também orienta os presbíteros a pastorearem o rebanho (**poimai/nw**, *poimainô*), afirmando tratar-se de uma responsabilidade deles.<sup>41</sup>

Assim, nas palavras de Grudem, “embora o substantivo pastor seja usado uma só vez referindo-se aos presbíteros, o verbo relacionado (**poimai/nw**, *poimainô*) é usado duas vezes em passagens que explicitamente identificavam a tarefa de pastorear com o ofício do presbítero”.<sup>42</sup>

<sup>38</sup> GRUDEM, W. *Teologia Sistemática*, p. 765.

<sup>39</sup> BROWN, C.; COENEN, L. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, p. 1591.

<sup>40</sup> GRUDEM, W. *Op. Cit.*, p. 766.

<sup>41</sup> *Ibidim*, p. 766.

<sup>42</sup> *Ibidim*, p. 766.

## 1.7 Seriam termos intercambiáveis no NT?

Com base nas análises feitas até o momento, levanta-se a seguinte questão: seriam, portanto, os termos analisados intercambiáveis no NT? Após a observação realizada, pode-se afirmar que, embora se tratem de palavras com significados diferentes em sua essência, quando utilizadas no contexto da igreja, podem ser usadas referindo-se a mesma posição ou ofício.

Em geral, os autores consultados concordam com essa afirmação. Segundo Coenen, por exemplo, as definições de “bispo” (*(e)pi/skopo***j**, *episkopos*) e “presbítero” (*presbu/tero***j**, *presbuteros*) encontram-se juntas. O autor explica a razão para isso da seguinte forma:

O artigo que se segue coloca juntos os verbetes *episkopoi* e *presbuteroi*, ambos os quais eram ofícios da igreja primitiva. Há evidências de que suas funções coincidiram, e que os dois títulos possam ter sido termos diferentes para aquele que era essencialmente o mesmo ofício.<sup>43</sup>

O mesmo autor ainda afirma que Tito 1.5,7 torna provável que *presbuteroi* (*presbuteroi*) e *episkopoi* (*episkopoi*) sejam intercambiáveis, conforme At 20.17,28. Pois, além de cumprirem certas exigências pessoais e morais, para ambas as funções são atribuídas as tarefas especiais de exortar, e de refutar os que discordam.<sup>44</sup>

Alexander expressa a mesma idéia nas seguintes palavras:

Paulo costumava nomear vários presbíteros em cada igreja para a função de liderança (At 14.23). A palavra grega *episkopos*, traduzida “bispo”, significa literalmente “supervisor”. “Supervisionar” o que acontecia era uma das funções dos presbíteros. Estes, por sua vez, eram auxiliados pelos “assistentes” (diáconos).<sup>45</sup>

Klittel também escreve acerca do fato dos termos serem intercambiáveis nas Escrituras da seguinte forma:

<sup>43</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 220.

<sup>44</sup> *Ibidim*, p. 230.

<sup>45</sup> ALEXANDER, P.; ALEXANDER, D. (Edit). Manual Bíblico SBB, p. 734.

Cabe a Tito estabelecer, nas diferentes cidades de Creta, “presbíteros”, como fez Paulo nas localidades da Ásia Menor, medida, aliás, a única para se garantir a vida comunitária depois da partida dos missionários... Em Tt 1.7, verifica-se uma mudança de expressão: em vez de *presbuteros*, assunto da passagem, fala-se de repente de *episkopos*, o que vem a ser mais uma prova cabal de que as duas designações significam originariamente a mesma coisa, isto é, a direção e a representação da comunidade e o encargo de pregar e dirigir o serviço divino, e isto quando não há apóstolos, profetas ou doutores presentes.<sup>46</sup>

Também Strong, ao falar sobre os oficiais da igreja afirma que “é dois o número de oficiais da igreja de Cristo: o primeiro o de bispo, presbítero ou pastor; e o segundo o de diácono”.<sup>47</sup> Wiersbe apresenta a mesma opinião com relação aos termos bispo, pastor e presbítero, ao afirmar que estes três são sinônimos no NT.<sup>48</sup>

Embora esteja claro que os termos analisados relacionam-se à mesma função na igreja, sabe-se também que no decorrer da história o termo “bispo” ganhou uma posição de destaque, especialmente no contexto católico, passando a identificar alguém que possuía autoridade sobre um determinado número de igrejas ou comunidades locais. Kittel defende que essa ideia não está presente na Bíblia:

Em Tt 1.7 e 1 Tm 3.2, ao se falar do “episcopo” no singular, com o artigo, deve-se entender o “episcopo” no sentido típico, absoluto, nada se afirmando, no caso, sobre o número de “episcopos” em determinado lugar. Em nenhuma passagem se fala do episcopado monárquico. Pelo contrário, todos os trechos do Novo Testamento, atinentes à questão, mostram unanimemente que, no começo, em toda parte, diversos *episkopoi* orientavam colegiadamente as comunidades. Também é evidente que o sentido do cargo era servir, e apenas servir.<sup>49</sup>

Calvino, ao tratar sobre esse tema, levanta uma questão interessante com base no texto de 1 Tm 5.17. Para ele, o nome de bispos (*(e)pi/skopo*j, *episkopos*), presbíteros (*presbu/teroj*, *presbuteros*) e pastores (*poimh/n*, *poimên*) eram usados como

<sup>46</sup> KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento, p. 207.

<sup>47</sup> STRONG, A. H. Teologia Sistemática, p. 674.

<sup>48</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 285.

<sup>49</sup> KITTEL, G. Op. Cit., p. 207.

sinônimos nas Escrituras. Contudo, ele entendia que entre os presbíteros havia uma divisão entre aqueles que ensinavam a palavra e os que governavam.<sup>50</sup>

Elwell também defende essa posição, ao escrever:

É asseverado frequentemente que nas igrejas gentias o nome *episkopos* é usado como substituto de *presbuteros*, com significado idêntico. Parece que as palavras são intercambiáveis em At 20.17, 18 e Tt 1.5-9. Mas, embora todos os *episkopoi* sejam indubitavelmente *presbuteroi*, não fica claro se o inverso sempre se aplica. A palavra *presbuteros* indica principalmente o status de “ancião”, ao passo que *episkopos* denota a função de pelo menos alguns dos anciãos. Mas é possível que tenha havido “presbíteros” que não eram *episkopoi*.<sup>51</sup>

Douglas resume essa questão na seguinte afirmação: “parece ser virtualmente certo que os termos bispo e presbítero são sinônimos no NT, com a provisão que, enquanto os bispos deveriam ser aptos para ensinar, nem todos os anciãos necessariamente labutavam na palavra e no ensino”.<sup>52</sup>

Strong afirma que a questão levantada por Calvino não deve ser vista como uma forte objeção, pois somente “mostra que o ofício de presbítero ou de bispo envolvia dois tipos de trabalho e que alguns presbíteros ou bispos tinham mais sucesso em um do que em outro”.<sup>53</sup>

Embora em algumas denominações ainda persista a distinção entre os papéis dos pastores, bispos e presbíteros, no contexto batista atual é praticamente unânime a posição de que os termos são intercambiáveis. Ferreira, por exemplo, pastor e professor batista, escreve: “No NT encontramos três títulos que expressam o ministério pastoral. Não são três categorias de oficiais, como algumas denominações ensinam. Os títulos expressam, sim, ideias bíblicas do ministério e suas funções”.<sup>54</sup>

<sup>50</sup> SEVERA, Z. A. Manual de Teologia Sistemática, p. 378.

<sup>51</sup> ELWELL, W. A. Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã, p. 175.

<sup>52</sup> DOUGLAS, J. D. O Novo Dicionário da Bíblia, p. 220.

<sup>53</sup> STRONG, A. H. Teologia Sistemática, p. 676.

<sup>54</sup> FERREIRA, E. S. Vade-mecum do obreiro e da igreja, p. 138.

Da mesma forma, Hiscox, ao tratar sobre o contexto batista, expressa sua opinião nas seguintes palavras:

Quantos e quais são os oficiais bíblicos de uma igreja cristã?... Os batistas asseveram que os oficiais de uma igreja local são dois – e por direito não pode haver outros – pastor e diáconos. Com essa opinião concordam algumas outras denominações, enquanto que os diversos ramos episcopais insistem que deve haver três grupos: diáconos, sacerdotes e bispos, aos quais a Igreja Anglicana adiciona os arcebispos. Outros fazem adições indefinidas a esse número; e a igreja romanista eleva seu número a dez ou doze, encabeçados pelo papa. Ora, o que importa não é tanto o que esta ou aquela igreja prega ou pratica, mas sim, sobre que bases as igrejas primitivas eram organizadas.<sup>55</sup>

Souza também defende que no NT só há, para a igreja local, duas categorias de oficiais: os pastores e os diáconos. Segundo ele:

Os batistas não aceitam a interpretação de “bispos” e “presbíteros” como funções especiais e diferentes do pastor... Tanto o presbítero, como o bispo, como o ancião, como o pastor, são um e o mesmo ofício, recaindo na mesma pessoa, indicando às vezes fases diferentes na sua missão e nada mais.<sup>56</sup>

Portanto, em virtude das evidências bíblicas existentes e da grande quantidade de autores que concordam com esta opinião, entende-se ser correto afirmar que os termos apresentados podem ser utilizados de forma intercambiável ao referir-se ao ministério pastoral na igreja.

### 1.8 Escolha do termo a ser usado no restante do trabalho

Como foi demonstrado até aqui, os termos  $\rho\omicron\iota\mu\eta\lambda\eta$  (*poimên*),  $\rho\epsilon\sigma\beta\upsilon\tau\epsilon\rho\omicron\jmath$  (*presbuteros*) e  $\epsilon\pi\iota\sigma\kappa\omicron\pi\omicron\jmath$  (*episkopos*) são utilizados no NT para descrever a mesma função ou posição na igreja. Contudo, entende-se que nos dias atuais, especialmente no meio evangélico, há um maior uso do termo “pastor”.

<sup>55</sup> HISCOX, E. T. Manual das Igrejas Batistas, p. 133.

<sup>56</sup> SOUZA, M. A. O pastor, p. 111.

Severa afirma isso nas seguintes palavras:

Entre os evangélicos, tem havido uma predileção pelo título pastor para o líder espiritual da igreja. Por que a preferência desse nome? Alguns fatores podem ser apontados: a) o fato da igreja ser chamada “rebanho”; b) a função de apascentar dos presbíteros e bispo; c) Cristo apresentado como pastor; d) a ideia de pastores do povo de Deus no AT.<sup>57</sup>

MacArthur expressa bem o significado adquirido pelo termo pastor. Segundo ele:

A metáfora favorita de nosso Senhor para a liderança espiritual, a qual usava com frequência para descrever a si mesmo, era a do pastor – uma pessoa que cuida do rebanho de Deus. Cada líder de igreja é um pastor – figura bem apropriada. O pastor lidera, alimenta, cria, consola, corrige e protege.<sup>58</sup>

Partindo do princípio de que o presente trabalho foi elaborado especialmente para tratar questões referentes ao contexto evangélico atual, optou-se pelo uso, nos próximos capítulos, do termo “pastor” para se referir ao ofício que também é identificado nas Escrituras através das palavras “bispo” ou “presbítero”.

<sup>57</sup> SEVERA, Z. A. Manual de Teologia Sistemática, p. 377.

<sup>58</sup> MACARTHUR, J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 14.

## II ANÁLISE PRELIMINAR DO TEXTO

O texto escolhido para a elaboração deste trabalho encontra-se no terceiro capítulo da primeira carta a Timóteo. Nela, o autor apresenta as qualificações necessárias para aquele que deseja a função de presbítero. A seguir serão realizadas algumas observações importantes a respeito da perícópe escolhida.

### 2.1 Delimitação da perícópe

A perícópe é de fácil delimitação. Seu início é delimitado pelo anúncio do autor de que passará a tratar a respeito das qualificações necessárias àquele que almeja o cargo de presbítero na igreja. O término da perícópe ocorre quando o autor anuncia que passará a tratar dos requisitos para a função de diácono.

O texto selecionado encontra-se a seguir:

Esta afirmação é digna de confiança: se alguém deseja ser bispo, deseja uma nobre função. É necessário, pois, que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher, sóbrio, prudente, respeitável, hospitaleiro e apto para ensinar; não deve ser apegado ao vinho, nem violento, mas sim amável, pacífico e não apegado ao dinheiro. Ele deve governar bem sua própria família, tendo os filhos sujeitos a ele, com toda a dignidade. Pois, se alguém não sabe governar sua própria família, como poderá cuidar da igreja de Deus? Não pode ser recém-convertido, para que não se ensoberbeça e caia na mesma condenação em que caiu o diabo. Também deve ter boa reputação perante os de fora, para que não caia em descrédito nem na cilada do diabo. (1 Tm 3.1-7, NVI)

Pode-se observar que no texto não se encontra presente o termo “pastor”, mas fala a respeito daquele que deseja “ser bispo”, ou ainda “que almeja o episcopado” (gr. *episkopé*). Contudo, como já foi visto no capítulo anterior, é correto afirmar que esse termo refere-se à função do pastor existente nas igrejas atuais.



## 2.1 Contexto da escrita

Não é possível afirmar com toda a certeza o contexto exato em que a carta foi escrita. Diferentes exegetas também divergem suas opiniões com relação à data.<sup>59</sup> É possível que o apóstolo Paulo tenha escrito a primeira carta a Timóteo no verão de 66, e algum tempo depois a carta a Tito, antes ou durante a viagem a Nicópolis, onde pretendia passar o inverno. No ano seguinte, ele teria seguido para Roma onde foi preso.<sup>60</sup>

Hörster apresenta uma opinião um pouco diferente e defende que a escrita das epístolas pastorais teria sido feita após o primeiro aprisionamento do apóstolo em Roma.<sup>61</sup> De qualquer maneira, o objetivo desta epístola parece ter sido o de instruir Timóteo, que havia ficado em Éfeso, a respeito da eleição de oficiais apropriados para a igreja para o exercício do ministério habitual.<sup>62</sup>

## 2.2 Estilo literário

As duas cartas a Timóteo e a carta a Tito pertencem a um grupo chamado de “epístolas pastorais”. Esse nome tem sido atribuído a elas desde o século XVIII, mais precisamente a partir de D. N. Berdot (1703) e P. Anton (1726). Além destes, Tomás de Aquino já mencionava as *pastoralis regulae* (instruções ou regras para pastores) em sua introdução a I Timóteo.<sup>63</sup>

O tema central das cartas são questões eclesiásticas com o objetivo de ajudar os pastores em seu trabalho. Champlin ressalta a importância destas orientações, especialmente no ministério do ensino e na vigilância em favor da igreja cristã, devido aos assédios dos ensinamentos falsos que se propagavam naquela época.<sup>64</sup>

<sup>59</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 164.

<sup>60</sup> *Ibidim*, p. 165.

<sup>61</sup> HÖRSTER, G. Introdução e síntese do Novo Testamento, p. 143s.

<sup>62</sup> HENRY, M. Comentário Bíblico, p. 1023.

<sup>63</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. *Op. Cit.*, p. 149.

<sup>64</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 265.

Kelly e Hörster também afirmam que as cartas, em grande medida, dizem respeito aos deveres dos pastores locais, ou seja, apresentam orientações práticas para o pastoreio das igrejas e tratam a respeito da vida eclesiástica. Estas orientações deveriam ser seguidas por Timóteo e Tito em seus ministérios.<sup>65</sup> Burki também destaca que a interpelação pessoal é característica no estilo das três cartas.<sup>66</sup>

Sobre a função exercida pelas epístolas pastorais em relação às demais cartas do NT, Baxter afirma que elas preenchem uma função significativa. De fato, mesmo sendo direcionadas aos líderes locais e tendo o tema geral centrado na assembleia geral de cristãos e no pastor encarregado, trata-se de um documento bastante metódico, que contém amplas instruções para todos os crentes.<sup>67</sup>

### 2.3 Questão da autoria

Durante muitos anos, foi aceito pelos teólogos em geral o fato de que as epístolas pastorais teriam sido escritas pelo apóstolo Paulo. O principal argumento é que as três cartas iniciam assinadas pelo apóstolo (1 Tm 1.1; 2 Tm 1.1; Tt 1.1). Até o fim do séc. XVIII não havia motivos para se questionar tal afirmação. Contudo, isso mudou a partir de 1804, com J. Schmidt e 1807 com F. Schleiermacher. Este, por sua vez, contestou a autenticidade de I Timóteo por questões estilísticas e idiomáticas. A partir disso, “não teve mais fim a controvérsia em torno de autoria, época de redação e interpretação de todas as três cartas”.<sup>68</sup>

O tema divide a opinião dos teólogos. Kelly, por exemplo, defende: “não se pode ter certeza, de modo algum, hoje em dia, que as cartas realmente advêm do apóstolo”.<sup>69</sup>

<sup>65</sup> HÖRSTER, G. Introdução e síntese do Novo Testamento, p. 124.

<sup>66</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p.149.

<sup>67</sup> BAXTER, J. S. Examinai as escrituras, p. 248ss.

<sup>68</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. *Op. Cit.*, p. 149.

<sup>69</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 12.

Para ele, tanto aqueles que defendem a autoria paulina como aqueles que a contestam devem reconhecer que ambos os lados apresentam fortes argumentos. Ele afirma que estas são questões que “merecem ser estudadas com atenção mais devota pelo povo cristão de hoje”.<sup>70</sup>

Champlin, entretanto, toma uma posição um pouco diferente. Para ele, o problema referente à questão da autoria é “vexatório”, já que a controvérsia centralizada nesse tema dispensa muita energia. O autor chega a afirmar que as cartas possuem autoridade na formação da fé cristã, “sem importar se Paulo foi o autor das mesmas ou não”.<sup>71</sup>

Contudo, essa posição não é adequada, pois aceitar que as cartas pastorais não foram de autoria paulina levaria inevitavelmente à necessidade de aceitar que a identificação do autor presente no início das mesmas é falsa.

Felizmente outros autores apresentam fortes argumentos a favor da autoria paulina, rebatendo as objeções levantadas pelos teólogos da chamada “alta crítica”. Hörster, por exemplo, após analisar as diferentes objeções feitas à autoria do apóstolo Paulo, conclui que o apóstolo teria escrito as cartas com a participação de um secretário, provavelmente após o seu primeiro aprisionamento em Roma.<sup>72</sup>

Fee também apresenta a mesma ideia e defende que a solução tradicional, ainda que haja algumas dificuldades, parece ser a melhor. Segundo ele, Paulo teria sido auxiliado por um secretário diferente daquele utilizado para redigir as cartas anteriores, ao realizar a escrita destas três cartas pastorais.<sup>73</sup>

Da mesma forma, Robertson afirma que o argumento do estilo literário contra a autoria de Paulo não é conclusivo. Em suas palavras:

<sup>70</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 7.

<sup>71</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 266.

<sup>72</sup> HÖRSTER, G. Introdução e síntese do Novo Testamento, p. 143s.

<sup>73</sup> FEE, G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 37.

O estilo de cada um varia de acordo com os períodos diferentes da vida. Milton e Shakespeare, para não falar em Etnnyson, são boas ilustrações desta variação de estilo. Os mais severos críticos das epístolas pastorais admitem que nelas há elementos paulinos.<sup>74</sup>

Por fim, Stott também argumenta a favor da autoria paulina. Após analisar todos os argumentos contrários, conclui da seguinte forma:

A possibilidade mais provável é que Paulo, o apóstolo, tenha escrito as três pastorais, lá pelo fim de sua vida, abordando questões de seu tempo e comunicando-as através de um amanuense digno de sua confiança.<sup>75</sup>

Mesmo sabendo que a posição que defende a autoria de Paulo para as cartas a Timóteo e Tito não é unânime entre os teólogos, os argumentos encontrados na literatura pesquisada demonstram que se trata de uma posição digna de crédito. Por esse motivo, nesse trabalho, se assumirá que Paulo tenha sido realmente o autor das epístolas pastorais.

## 2.4 O destinatário

Timóteo era um grande amigo e colaborador do apóstolo Paulo. Algumas passagens das cartas a ele escritas deixam isso claro (1 Tm 6.11; 2 Tm 3.17).<sup>76</sup> O seu nome era muito difundido na literatura antiga e significa “aquele que honra a Deus”. Ele era natural de Listra, uma colônia grega em que os habitantes falavam licaônico e somente a elite falava grego. O pai de Timóteo era um cidadão romano e possivelmente fazia parte dessa elite.<sup>77</sup>

<sup>74</sup> ROBERTSON A. T. Épocas na vida de Paulo, p. 272.

<sup>75</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 28s.

<sup>76</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 167.

<sup>77</sup> *Ibidim*, p. 166.

Kelly afirma que Timóteo teria se convertido através da pregação de Paulo quando este passara por sua cidade.<sup>78</sup> Entretanto, esse fato não se encontra expresso nas Escrituras. O fato de Paulo chamar Timóteo de seu “filho na fé” ( 1 Tm 1.2; 18; 2 Tm 1.2; 2.1) pode simplesmente indicar que este havia se tornado seu aprendiz. O relato de Atos 16.1 mostra que Timóteo já era um discípulo de Jesus quando Paulo chegou a sua cidade.

Timóteo acabou tornando-se um dos personagens secundários mais conhecidos do NT. Conforme relatado nas Escrituras, sua mãe era judia e seu pai gentio. Ele juntou-se à comitiva de Paulo no início da segunda viagem missionária deste.<sup>79</sup>

Quando foi escrita primeira carta a Timóteo, este era pastor da igreja em Éfeso. Certas passagens bíblicas dão a entender que, na ocasião ele era relativamente jovem.<sup>80</sup> Ainda assim, era especialmente capacitado por Deus e extremamente confiável. Por isso, o apóstolo frequentemente lhe delegava missões especiais. Timóteo também permaneceu leal a Paulo quando este se encontrava na prisão, o que lhe rendeu grande estima.<sup>81</sup>

Fee também destaca outras características de Timóteo presentes nas Escrituras. Segundo ele, Timóteo é relatado como um jovem muito novo, enfermizo, tímido e carente de espírito enérgico. Esta seria a razão pela qual Paulo encontra-se frequentemente tentando estimular a coragem do jovem frente às dificuldades.<sup>82</sup>

Stott também destaca as seguintes características de Timóteo: a) sua relativa juventude, quando Paulo lhe enviou a carta; b) seu temperamento tímido, que precisava de uma palavra de encorajamento e confiança; e; c) sua enfermidade física (possivelmente uma gastrite crônica).<sup>83</sup>

<sup>78</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 9.

<sup>79</sup> *ibidem*, p. 9.

<sup>80</sup> BAXTER, J. S. Examinai as escrituras, p. 249.

<sup>81</sup> HÖRSTER, G. Introdução e síntese do Novo Testamento, p. 137.

<sup>82</sup> FEE, G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 13.

<sup>83</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 33.

É interessante perceber essas características do discípulo de Paulo, pois jovens pastores dos dias de hoje também podem se identificar com ele em diferentes aspectos. Entretanto, conforme afirmado anteriormente, o conteúdo da carta pastoral ultrapassa estas características, pois apresenta princípios aplicáveis a todos os cristãos.

### III OS REQUISITOS PARA A FUNÇÃO PASTORAL

A perícopre selecionada da primeira carta a Timóteo possui um conteúdo bastante rico para o estudo dos requisitos necessários à função pastoral. Segundo Kelly, “embora estes sejam frequentemente mencionados no Novo Testamento, em nenhum lugar recebem um tratamento tão detalhado quanto nas pastorais”.<sup>84</sup>

Ao todo, Paulo apresenta quinze requisitos. Alguns autores classificam esses requisitos em grupos. Brown, por exemplo, resume os requisitos ao bispo presentes em I Timóteo em cinco grupos que são: 1) disciplina pessoal; 2) um lar bem disciplinado; 3) dons didáticos; 4) bons relacionamentos pessoais; e; 5) um bom nome no mundo não cristão em derredor.<sup>85</sup>

Stott classifica os requisitos em dez qualificações ao pastorado: 1) fidelidade no casamento; 2) domínio próprio; 3) hospitalidade; 4) habilidade de ensino; 5) hábitos adequados com relação à bebida; 6) baixo grau de irritabilidade e temperamento adequado; 7) atitude correta diante do dinheiro; 8) disciplina no lar; 9) maturidade espiritual; e; 10) boa reputação.<sup>86</sup>

Ele comenta que alguns consideram essas qualificações relativamente baixas em comparação com os padrões comuns à liderança secular, e que os padrões seguidos na prática em algumas igrejas seriam mais baixos ainda. Contudo, Stott defende que estes requisitos devem constituir o padrão para exame dos candidatos ao ministério pastoral ainda hoje.<sup>87</sup>

Na seqüência serão tratadas individualmente as quinze qualificações apresentadas pelo apóstolo Paulo.

<sup>84</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 73.

<sup>85</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 223.

<sup>86</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 91ss.

<sup>87</sup> *Ibidim*, p. 99.

### 3.1 a)nepi/lhptoj (irrepreensível)

A preocupação inicial do apóstolo é de fomentar o respeito pela tarefa de supervisão da igreja ou episcopado. Assim, Paulo afirma inicialmente que aqueles que almejam essa função devem ser homens irrepreensíveis (a)nepi/lhptoj, *anepilêptos*).<sup>88</sup>

O entendimento adequado do significado do termo é essencial. Não se deve presumir, por exemplo, que o pastor seja totalmente imune a erros. Stott afirma que se esse fosse o caso, “não haveria um só filho de Adão que se qualificasse”. O importante é que o candidato tenha uma reputação irrepreensível. A orientação de Paulo fornece respaldo para que se peçam referências ou testemunhos a respeito do candidato, de forma que sua reputação pública possa ser verificada.<sup>89</sup>

Burki aprofunda ainda mais essa ideia, ao afirmar: “irrepreensível não significa simplesmente gozar de boa fama, mas ter um testemunho justificadamente bom. A crítica e acusações não devem encontrar pontos vulneráveis para seu ataque”. Segundo ele, esse testemunho não deve ser somente daqueles que fazem parte da igreja, mas também dos de fora.<sup>90</sup>

Calvino também apresenta sua opinião quanto a essa questão e faz uma comparação com o texto semelhante presente na carta a Tito. Em suas palavras:

Paulo deseja que o bispo seja irrepreensível. Em lugar desta palavra, na epístola a Tito utilizou o vocábulo *anegchlêtos*, indicando com ambos os termos que o bispo não deve ser marcado por nenhuma infâmia, para que sua autoridade não venha a ser menosprezada. Não se encontrará um entre os homens um que esteja livre de todo o vício; mas uma coisa é ser culpada de vícios comuns, que não causam dano à reputação, pois se encontram também nos homens de mais elevada reputação, e outra coisa é ter uma má fama, ou estar contaminado com alguma maldade.

<sup>88</sup> MOTYER, J. A.; GUTHRIE D. Nuevo Comentario Bíblico, p. 869.

<sup>89</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 91.

<sup>90</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 209. A questão do testemunho dos de fora será vista em maiores detalhes no tópico 3.15.



Então, a fim de que o bispo não venha a ser privado de sua autoridade, Paulo manda que haja uma seleção de um que tenha uma boa e honorável reputação e que não esteja exposto a algo que lhe seja um vício notável.<sup>91</sup>

A posição de Calvino, entretanto, apresenta um ponto que pode ser questionado. Atualmente existem determinados vícios que não causariam danos à reputação de um homem comum, mas que não são vistos como adequados para um pastor ou até mesmo para um cristão convertido pela grande maioria das igrejas evangélicas. O vício do cigarro é apenas um entre outros exemplos possíveis.

Kelly acrescenta, em sua análise do termo, a questão temporal. Segundo ele, o pastor não deve apresentar nenhum defeito óbvio de caráter ou conduta, tanto na sua vida passada como presente.<sup>92</sup> Isso seria extremamente louvável, já que, conforme escrito por Matthew Henry, “o ministro não deve dar ocasião para que seja culpado, para que seu ministério não sofra censuras”.<sup>93</sup> Entretanto, não se pode afirmar com certeza se Paulo refere-se à vida passada do ministro ou a sua situação no presente.

Wiersbe destaca a relação entre a conduta do pastor com a imagem da igreja perante as pessoas de fora. Segundo ele, “esse termo significa literalmente, „sem ter por onde pegar“, ou seja, não deve haver em sua vida qualquer coisa que satanás ou um incrédulo possa usar como um motivo para criticar ou atacar a igreja”. Ele também concorda que nenhum homem é impecável, mas que é necessário se esforçar para ser irrepreensível, não merecendo qualquer censura.<sup>94</sup>

A mesma posição é apresentada por MacArthur. Segundo ele:

Irrepreensível não se refere a uma perfeição impecável, pois, nesse caso, nenhum ser humano estaria qualificado para o ofício, mas a um padrão elevado e maduro que implica em um exemplo coerente. É exigência de Deus que seu despenseiro viva de maneira santa, de tal forma que sua pregação nunca seja contraditória ao seu estilo de vida,

<sup>91</sup> CALVINO, J. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 87s.

<sup>92</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 77.

<sup>93</sup> HENRY, M. Comentário Bíblico, p. 1025.

<sup>94</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 284.

que suas faltas nunca tragam vergonha ao ministério e sua conduta não mine a confiança do rebanho no ministério de Deus.<sup>95</sup>

MacArthur também afirma que a irrepreensibilidade é a principal característica necessária ao pastor.<sup>96</sup> Embora não se possa afirmar que todas as características mencionadas por Paulo estejam em ordem de importância, é possível que a preeminência desta característica com relação às outras tenha motivado o apóstolo a apresentá-la antes das demais.

### 3.2 *mia=j gunaiko\j andra* (marido de uma só mulher)

Aqui se encontra uma orientação que tem dividido a opinião dos teólogos durante muitos anos. Contudo, isso não diminui em nada a importância do critério “marido de uma só mulher” (*mia=j gunaiko\j andra*, *mias gunaikos andra*). Ao contrário, a crescente desvalorização da família nos dias atuais torna ainda mais importante o estudo aprofundado do significado desse requisito apresentado pelo apóstolo Paulo a Timóteo e posteriormente a Tito (Tt 1.6).

Existem pelo menos cinco interpretações quanto ao que exatamente o apóstolo se referiu ao escrever a frase “marido de uma só mulher”. As hipóteses são de que Paulo estaria:

- 1) exigindo o celibato do ministro, assumindo que “marido de uma só mulher” se refere à igreja;
- 2) proibindo o celibato e tornando necessário que o ministro fosse casado;
- 3) proibindo um segundo casamento, tanto nos casos de viuvez como de divórcio;
- 4) proibindo a poligamia, algo relativamente comum na época entre os judeus, mas sem proibir o ministro de um segundo casamento em caso de viuvez; ou;
- 5) exigindo dos ministros a fidelidade no casamento.

<sup>95</sup> MACARTHUR, J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 110.

<sup>96</sup> *Ibidim*, p. 110.

A seguir serão apresentados maiores detalhes a respeito de cada uma destas posições.

### 3.2.1 Celibato

A posição que defende o celibato do ministro e a dedicação exclusiva ao ministério é com certeza impossível de ser mantida. Calvino chegou a afirmar que “é uma fantasia interpretar o significado dessa frase como sendo „pastor de uma só igreja””.<sup>97</sup> Champlin afirma que essa ideia é “tão extremada e ridícula que nem precisa de refutação”.<sup>98</sup>

Kittel afirma claramente que o celibato católico está em evidente oposição à palavra bíblica.<sup>99</sup> Burki também escreve que “não se espera o celibato dos servidores da igreja, mas que tenham plena capacidade matrimonial e sejam modelos no casamento”.<sup>100</sup>

As posteriores orientações do texto da carta que orientam os pastores com relação ao governo de sua própria casa e educação dos filhos deixam claro que essa interpretação é totalmente equivocada.

### 3.2.2 Casamento

Para alguns intérpretes, Paulo estaria tornando necessário que todos os pastores fossem casados. Entretanto, a grande maioria concorda que esta seria uma interpretação muito pouco provável. Kelly apresenta como argumento o fato do texto grego apresentar uma ênfase na expressão “uma só”, o que não teria muito sentido se o autor quisesse simplesmente escrever acerca da necessidade do casamento.<sup>101</sup>

<sup>97</sup> CALVINO, J. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 90.

<sup>98</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 308.

<sup>99</sup> KITTEL, G. A Igreja no Novo Testamento, p. 206.

<sup>100</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 209.

<sup>101</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 77.

Unger afirma que o supervisor ideal deve ser homem de uma só esposa, embora concorde ser possível que haja supervisores solteiros.<sup>102</sup> Essa última situação estaria de acordo com as condições de Paulo e Timóteo, presumindo que ambos possivelmente não eram casados.

Afirmar o casamento como um requisito para os pastores entraria em contradição com o texto de I Coríntios 7.25-38 em que Paulo sugere aos solteiros que permaneçam como estão.<sup>103</sup> Afinal, tanto Jesus como Paulo ensinaram que alguns são chamados para o casamento e outros para permanecerem solteiros.<sup>104</sup>

### 3.2.3 Segundo casamento

Conforme alguns intérpretes, o texto estaria afirmando que os pastores poderiam casar-se somente uma vez, não podendo contrair novo matrimônio nos casos de divórcio ou viuvez. Kelly, falando a respeito do presbítero, argumenta que “em especial, sua vida sexual deve ser exemplar, e os mais altos padrões devem ser esperados dele: deve ser casado uma vez só”.<sup>105</sup>

O mesmo autor prossegue sua argumentação com as seguintes palavras:

O novo casamento seja depois do divórcio no caso de um pagão convertido, ou depois do falecimento de sua primeira esposa, é censurado como sendo impróprio num ministro de Cristo. É igualmente proibido aos diáconos (1 Tm 3.12) e aos presbíteros (Tt 1.6), e conta como uma desqualificação nas aspirantes à ordem das viúvas (1 Tm 5.9).<sup>106</sup>

<sup>102</sup> UNGER, M. F. Manual Bíblico Unger, p. 581.

<sup>103</sup> FEE, G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 91s.

<sup>104</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 93s.

<sup>105</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 77.

<sup>106</sup> *Ibidim*, p. 77.

Segundo os defensores dessa posição, o termo não se refere à poligamia, pois não seria necessário Paulo orientá-los essa prática, tendo em vista que isso já não era bem visto entre os gentios. Kelly, por exemplo, afirma que essa não teria sido uma opção real para qualquer cristão comum, e muito menos para um ministro.<sup>107</sup> Contudo, Calvino afirma que a poligamia pode ter sido uma prática reconhecida como legal entre os judeus.<sup>108</sup>

A grande dificuldade dessa posição encontra-se nos textos de Rm 7.2-3 e 1 Co 7.39, que afirmam que a mulher encontra-se ligada ao seu marido enquanto ele viver, mas após sua morte está livre para casar-se novamente. É possível que tais textos também possam ser aplicados ao caso do homem casado. Champlin, por exemplo, afirma que “a morte da esposa de um homem anula completamente o seu casamento; pelo que também, se vier a contrair novas núpcias, será marido de uma só mulher”.<sup>109</sup>

Wiersbe também discorda de tal exigência dizendo que a expressão “não está se referindo ao segundo casamento de viúvos”. Segundo ele, membros da igreja que haviam perdido seu cônjuge não eram proibidos de se casar novamente e, portanto, tal exigência também não deveria ser imposta ao pastor.<sup>110</sup>

MacArthur também afirma que, após a morte da esposa, o pastor estaria livre para casar novamente. Ele escreve:

Alguns pensam que “marido de uma só mulher” significa que se o pastor enviuvou e voltou a casar-se, está desqualificado. Romanos 7.1-6, porém, deixa claro que se a esposa morre, o marido fica livre daquela união.

Os argumentos apresentados a favor da permissão de um novo casamento nos casos de viuvez parecem bastante convincentes. Contudo, mesmo que essa questão tenha

<sup>107</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 77.

<sup>108</sup> CALVINO, J. Comentários a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 90.

<sup>109</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 308.

<sup>110</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 285s.

sido esclarecida, o problema do novo casamento nos casos de divórcio parece ser mais complexo e ainda deve ser tratado.

Champlin apresenta a seguinte posição:

Se um irmão qualquer se divorciou de uma crente, não pode ser líder da igreja. Porém, caso se divorciou de esposa incrédula, sobretudo antes de ele mesmo ter se convertido ao cristianismo, ou se tal divórcio foi provocado pela mulher incrédula, e não por ele, então deveria a congregação local reconhecê-lo como apto para ocupar posição espiritual.<sup>111</sup>

Grudem aparentemente possui uma posição semelhante. Ele escreve:

Alguns pensam que (essa afirmação) exclui do ofício de presbítero aqueles que, tendo se divorciado casaram-se com outra mulher, porque nesse caso seriam maridos de duas mulheres. Mas esta não parece ser uma interpretação correta desses versículos.<sup>112</sup>

A posição defendida por Champlin, entretanto, não é aceita por uma boa parte dos intérpretes. Como já foi demonstrado anteriormente, isso vai contra a posição de Kelly. Wiersbe também afirma que “um pastor não deve ser divorciado e casado pela segunda vez”.<sup>113</sup>

Em virtude da complexidade da questão e do grande número de fatores envolvidos em cada situação particular, talvez seja necessário assumir que essa questão (referente ao novo casamento após o divórcio) ainda permanece em aberto, não sendo possível tirar conclusões definitivas a partir das informações disponíveis.

### 3.2.4 Poligamia

<sup>111</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 308.

<sup>112</sup> GRUDEM, W. Teologia Sistemática, p. 769.

<sup>113</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 285.

A interpretação de que o texto estaria se referindo à prática da poligamia, sem proibir um novo casamento nos casos de viuvez, é uma interpretação bastante aceita da orientação de Paulo a Timóteo com relação ao casamento dos pastores. Calvino, por exemplo, defende que essa seja a “única e verdadeira explicação” para o termo. Ele reforça sua argumentação baseado nos escritos de João Crisóstomo, que escreveu condenando a poligamia entre os bispos, pois tal prática era reconhecida como legal entre os judeus.<sup>114</sup>

Grudem também defende essa posição nas seguintes palavras:

Todas as outras qualificações alistadas por Paulo referem-se ao estado presente do homem, não a toda a sua vida passada... caso quisesse Paulo podia ter dito “casado só uma vez” mas não o fez... portanto, é melhor entender que “esposo de uma só mulher” proíbe que os polígamos assumam o ofício de presbítero. Os versículos citados em nada relacionam o divórcio e o novo casamento com qualificações para o ofício da igreja.<sup>115</sup>

Na atualidade, a poligamia não é uma prática comum na sociedade ocidental. Assim, alguém poderia ser levado a pensar que o requisito de que o pastor seja “marido de uma só mulher”, caso se refira somente aos casos de poligamia, não seja mais tão relevante. Entretanto, ainda há mais uma posição que merece ser analisada.

### 3.2.5 Fidelidade matrimonial

Alguns autores vão um pouco além e afirmam que Paulo se refere à necessidade do pastor ser fiel em seu matrimônio. Ou seja, ele deve não apenas ter somente uma esposa, mas também ser-lhe fiel e, caso peque por infidelidade, não está mais apto ao exercício do ministério pastoral.

<sup>114</sup> CALVINO, J. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 90.

<sup>115</sup> GRUDEM, W. Teologia Sistemática, p. 769.

Essa interpretação do texto não é aceita por todos. Kelly, por exemplo, afirma que isso seria “extrair do grego mais do que o texto pode suportar”.<sup>116</sup> Contudo, Fee afirma que essa é uma possibilidade concreta, tendo em vista que na cultura da época a infidelidade marital era algo comum.<sup>117</sup>

Stott também defende essa opinião. Segundo ele, Paulo está excluindo todos que cometem o pecado da infidelidade no casamento, ou seja, o homem deverá ser fiel à mulher a quem fez os votos de casamento. Em sua opinião, essa explicação parece se enquadrar melhor no contexto, pois “os que recebem a confiança de estar numa posição de supervisão sobre a igreja, que são chamados para ensinar doutrinas e exercer disciplina, têm de ter uma reputação imaculada na área de sexo e casamento”.<sup>118</sup>

Na opinião de MacArthur, um dos grandes problemas de hoje é o fato de pastores cometerem pecados morais escandalosos e voltarem ao ministério. Ele escreve:

Uma tendência contemporânea que causa grande preocupação é o fato de os pastores cometerem pecados morais escandalosos, voltando ao ministério assim que a publicidade diminui. Tenho recebido consultas de outras igrejas, indagando se nossa igreja possui diretrizes escritas ou um manual que trate de como reconduzir ao púlpito os pastores que caíram em pecado. Temos de dizer às pessoas que não temos nada parecido, pois cremos que a Bíblia ensina claramente que se alguém falha no campo da moralidade sexual está desqualificado de vez para o ministério pastoral. Com certeza, desejamos que eles sejam restaurados para o Senhor e a comunidade, mas as qualidades bíblicas exigidas de alguém que pregue a Palavra de Deus e seja identificado como pastor, bispo ou presbítero os excluem dessa função em uma igreja que esteja agradando a Deus.<sup>119</sup>

Os demais requisitos apresentados no texto podem contribuir para essa interpretação. A necessidade de que o pastor seja “irrepreensível” certamente inclui também um comportamento adequado na área da sexualidade. Ainda que alguns intérpretes defendam que a fidelidade no matrimônio não seja exatamente o sentido desejado pelo

<sup>116</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 77.

<sup>117</sup> FEE, G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 91s.

<sup>118</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 93s.

<sup>119</sup> MACARTHUR, J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 111.



autor ao escrever as palavras “marido de uma só mulher”, a fidelidade matrimonial é com certeza um requisito indispensável ao ministro.

Contudo, após a análise de diferentes opiniões, parece ser correto afirmar que “marido de uma só mulher” signifique que o pastor não deva ser polígamo. A fidelidade no matrimônio também é necessária, mas parece não ser o assunto dessa expressão especificamente. Parece também ser correto presumir, com base nos demais textos do NT, que Paulo não esteja impedindo o pastor de casar-se novamente no caso de falecimento da esposa. Já com relação ao novo casamento nos casos de divórcio, é difícil apresentar uma posição definitiva quanto a essa questão.

### 3.3 **nefa/lioj** (sóbrio, temperante ou moderado)

Segundo Brown, o termo **nefa/lioj** (*nephalios*) faz parte de um grupo de palavras que “transmite a ideia de sobriedade, o antônimo de embriaguez”.<sup>120</sup> O significado de **nefa/lioj** (*nephalios*) no contexto em questão seria “o estilo absteminoso de vida que se requer dos bispos, das mulheres e dos presbíteros. O principal nestes contextos é o autocontrole necessário para o ministério”.<sup>121</sup>

Entre as palavras utilizadas para traduzir **nefa/lioj** (*nephalios*) para o português estão: “sóbrio”, “temperante”, “vigilante” e “moderado”.<sup>122</sup> Champlin afirma que o termo está originalmente relacionado ao uso do vinho, contudo, afirma que também pode significar “ajuizado” e ser utilizado em outros contextos, sem qualquer vinculação à ideia de bebidas.<sup>123</sup>

<sup>120</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 2411.

<sup>121</sup> *Ibidem*, p. 2412.

<sup>122</sup> A NVI traduz *nephalios* como “sóbrio”, a ARA utiliza “temperante” e a NTLH apresenta o termo como “moderado”.

<sup>123</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

Fee observa que o texto de 1 Tm 3.3 já refere-se especificamente à questão do vinho e, portanto, **nefa/lioj** (*nephalios*) pode estar sendo utilizado com outro significado, possivelmente de maneira figurada, significando “livre de todas as formas de excesso, paixão ou temeridade”.<sup>124</sup> Kelly tem opinião semelhante. Segundo ele, a palavra originalmente denota abstinência de álcool, mas “visto que a bebedice é expressamente estigmatizada no versículo seguinte, provavelmente tem significado mais amplo e metafórico”.<sup>125</sup>

Calvino afirma que o termo possui múltiplas opções de tradução. Embora assuma que o termo tem sido normalmente traduzido por “sóbrio”, cita que Erasmo o traduziu como “vigilante” e, como o vocábulo grego admite ambos os significados, os leitores podem escolher livremente entre estas opções.<sup>126</sup>

Wiersbe resume bem o significado e sua importância para o pastor. Segundo ele, o termo refere-se a alguém que demonstra temperança em todas as coisas, ou “que mantém a cabeça no lugar em todas as situações. O pastor precisa exercitar o julgamento sóbrio e sensato em todas as coisas”.<sup>127</sup>

### 3.4 **sw/frwn** (prudente, ou também sóbrio)

O termo **sw/frwn** (*sôphrôn*) está relacionado à prudência. Segundo Champlin, a tradução do termo pode ser feita por “sóbrio”, embora o vocábulo grego também queira dizer “prudente”, “previdente” ou ainda “auto-controlado”.<sup>128</sup> Tanto na NVI como na NTLH o termo foi traduzido para o português como “prudente”. Já na versão ARA, optou-se pelo uso da palavra “sóbrio”.

<sup>124</sup> FEE, G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 92.

<sup>125</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 78.

<sup>126</sup> CALVINO, J. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 92.

<sup>127</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286.

<sup>128</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

Segundo Wiersbe, a ideia do termo refere-se ao fato de que o pastor deve ter seriedade em sua atitude e em seu trabalho. Ele escreve:

Isso não significa que não possa ter senso de humor ou que deva ser sempre taciturno e solene. Antes, indica que ele sabe o valor das coisas e não vulgariza o ministério nem a mensagem do Evangelho com um comportamento tolo.<sup>129</sup>

Além dos significados citados anteriormente, Stott acrescenta ainda o termo “disciplinado”.<sup>130</sup> Tal requisito está de acordo com o texto de Gálatas 5.23 que apresenta o domínio próprio como fruto do Espírito Santo. Sendo esse fruto importante na vida de todos os cristãos, torna-se ainda mais necessário na vida do pastor.

### **3.5 ko/smioj (respeitável, modesto ou simples)**

Conforme Champlin, o significado básico de ko/smioj (*kosmios*) é “ordeiro”, mas também pode ser traduzido por “modesto”, “digno”, “bem comportado” ou ainda “sereno”.<sup>131</sup> Burki traduz o termo como “digno” e explica que o termo pode ter o sentido de “cortês” ou “solícito”. Segundo ele, “não deve ser entendido como cortesia artificial, que visa as aparências, porque isso representaria uma contradição com sóbrio e sensato”.<sup>132</sup>

As diferentes versões da Bíblia para o português também traduzem o termo com diferentes palavras. Na NVI, ko/smioj (*kosmios*) é traduzido como “respeitável”, na ARA utiliza-se a palavra “modesto”, enquanto na NTLH o termo é traduzido como “simples”. Assim como no caso da NVI, Stott opta por “respeitável” como uma tradução adequada para o vocábulo grego.<sup>133</sup>

<sup>129</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286.

<sup>130</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 94.

<sup>131</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

<sup>132</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 210.

<sup>133</sup> STOTT, J. Op. Cit., p. 94.

Mesmo havendo diversas possibilidades para a tradução, é importante compreender o significado prático de **ko/smioj** (*kosmios*). Wiersbe expressa a importância deste requisito na vida do pastor, ao afirmar que ele deve ser “organizado em sua forma de pensar e de viver, bem como no ensino e na pregação”.<sup>134</sup>

### 3.6 **filo/cenoj** (hospitaleiro)

Nos escritos do NT lê-se a respeito de cristãos que viajavam constantemente pelas cidades. Alguns eram comerciantes, outros viajavam para pregar o Evangelho e outros ainda precisavam fugir por causa da perseguição. Em muitas situações, dependiam da acolhida solícita na casa de outros cristãos.<sup>135</sup>

Champlin expressa essa realidade nas seguintes palavras:

Havia a necessidade de hospitalidade, na igreja cristã primitiva, porquanto naquele tempo eram raríssimas as hospedarias, as quais, com grande freqüência, eram apenas antros de ladrões e meretrizes. Os crentes, porém, que são membros da família divina, deveriam ter interesse por seus irmãos na fé, provendo-lhes conforto e o necessário para a vida diária. Os oficiais da igreja, por serem os representantes da igreja, com freqüência tinham de abrigar visitantes, evangelistas em viagem, vindos de outros lugares, além de simples irmãos na fé, o que significa que deveriam mostrar-se dispostos a cumprir essa obrigação, com verdadeiro interesse e amor cristão.<sup>136</sup>

Segundo Wiersbe, o termo **filo/cenoj** (*philoxenos*) significa literalmente “que ama o forasteiro”. Esse era um ministério importante da igreja primitiva devido aos motivos anteriormente relatados, pois os cristãos que viajavam precisavam de um lugar para se hospedar. Contudo, essa não é uma necessidade somente daquela época, “mesmo nos

<sup>134</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286.

<sup>135</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 210.

<sup>136</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

dias de hoje, o pastor e a esposa que demonstram hospitalidade são de grande ajuda para a comunhão da igreja local”.<sup>137</sup>

Calvino explica que a hospitalidade, à qual se refere o termo **filocenoj** (*philoxenos*), não é apenas para com pessoas conhecidas, também para com estranhos. Segundo ele, isso era muito comum entre os antigos, “pois era considerado vergonhoso para as pessoas respeitáveis, e especialmente para aqueles que eram bem conhecidos, se hospedarem em pousadas”. Calvino também reconhece que a realidade mudou com o passar dos anos, mas ainda assim afirma que “essa virtude é e será sempre altamente necessária para o bispo, por muitas razões”.<sup>138</sup>

Embora a hospitalidade (**filoneci/a**, *philonexia*) seja um requisito para os pastores, espera-se a **filoneci/a** (*philonexia*) da igreja inteira. O texto de Hebreus 13.2 exorta os irmãos à prática da hospitalidade, afirmando que muitos que a exerceram “acolheram anjos sem saber”. A Bíblia apresenta diversos casos de pessoas que exerceram a hospitalidade. Dois exemplos disso são as situações em que Cornélio recebeu Pedro em sua casa e quando Públio hospedou Paulo.<sup>139</sup> Stott destaca que o amor pelos estranhos é uma qualidade exortada pelo NT a todos os cristãos, mas em especial aos líderes.<sup>140</sup>

Burki afirma que muitas comunidades eclesiais da atualidade acabam vivendo uma “vida de gueto”. Para ele, os servidores da igreja devem ser exemplos no matrimônio e na família pelo fato de serem abertos e livres para o hóspede.<sup>141</sup>

### 3.7 didaktiko/j (apto para o ensino)

<sup>137</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286.

<sup>138</sup> CALVINO, J. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 92.

<sup>139</sup> BROWN, C.; COENEN, L. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 748.

<sup>140</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 94.

<sup>141</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 211.

O vocábulo grego *didaktiko/j* (*didaktikos*) significa “capacidade para o ensino”. Trata-se de uma característica especialmente necessária aos pastores. Burki afirma que do presbítero esperava-se a capacidade de ensinar.<sup>142</sup> Stott ressalta que *didaktiko/j* (*didaktikos*) é uma qualificação profissional, enquanto as demais, citadas anteriormente, são qualificações morais. Ele também ressalta que os pastores são principalmente professores ou mestres e o que distingue um ministério cristão pastoral é o fato de haver nele a preeminência da Palavra de Deus.<sup>143</sup>

Barrientos escreve sobre a importância de o pastor buscar aprofundamento na área do ensino. Segundo ele: “há aspectos em que um pastor quase que obrigatoriamente precisa se aprofundar. A educação, por exemplo. O pastor é sempre um mestre. Portanto, deve fazer com que sua habilidade de ensinar seja cada vez maior”.<sup>144</sup>

Wiersbe também destaca a importância do papel ativo do pastor no estudo da Bíblia. Para ele, o pastor deve ser um estudioso dedicado da Palavra de Deus e de tudo o que o ajuda a conhecer e a ensinar a Palavra. Wiersbe chega a afirmar que “o pastor que tem preguiça de estudar é uma calamidade no púlpito”.<sup>145</sup>

MacArthur relaciona o ensino da Palavra à função do pastor de alimentar o rebanho. Usando uma linguagem figurada, afirma que o pastor que não alimenta o seu rebanho não o retém por muito tempo, pois suas ovelhas fugirão para outros campos ou morrerão de fome. MacArthur também ressalta que o ensino é a habilidade que diferencia o presbítero do diácono.<sup>146</sup>

Cabe lembrar que um dos motivos pelos quais o apóstolo Paulo escreveu a primeira carta a Timóteo foi orientá-lo a se opor a alguns que estavam ensinando doutrinas falsas à igreja (1 Tm 1.3). Nesse contexto, é essencial que o pastor esteja aberto a

<sup>142</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 211.

<sup>143</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 95.

<sup>144</sup> BARRIENTOS, A. Trabalho Pastoral, p. 57.

<sup>145</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286.

<sup>146</sup> MACARTHUR, J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 47.

questões de doutrina, seja capaz de formar sua própria opinião e instruir os outros. O pastor deve ter a capacidade de discernir entre a doutrina verdadeira e a falsa.<sup>147</sup>

Por fim, deve-se entender que o mero interesse pelo ensino não indica necessariamente qualificação para tal. Segundo Champlin, a palavra *didaktiko/j* (*didaktikos*) significa ordinariamente “habilidoso no ensino”.<sup>148</sup> Calvino também diferencia a habilidade para o ensino da simples eloquência no falar. Segundo ele, há muitas pessoas cuja facilidade no falar não é necessariamente conveniente para a edificação. O que o apóstolo requer é que haja sabedoria ao aplicar a Palavra de Deus corretamente para proveito do povo.<sup>149</sup>

### 3.8 mh\ pa/roinoj (não apegado ao vinho)

Logo após o requisito da qualificação para o ensino, encontra-se a orientação de que o pastor não deve ser apegado ao vinho (mh\ pa/roinoj, *mê paroinos*). O termo grego *pa/roinoj* (*paroinos*) significa literalmente “perto do vinho”, podendo ser também traduzido como “dado ao vinho” ou ainda “bêbado”.<sup>150 151</sup> A partícula negativa mh\ (*mê*) indica que esta é uma característica que não pode estar presente na vida do pastor.

Stott faz uma interessante relação entre a tarefa do pastor de ensinar e seus hábitos com relação à bebida. Segundo ele, há um propósito no fato da expressão mh pa/roinon (*mê paroinon*) estar diretamente após a palavra *didaktiko/n* (*didaktikon*). Sobre a importância do pastor não ser apegado ao vinho, ele escreve:

Os que são chamados a ensinar devem ter um cuidado especial nesse sentido. Possivelmente, não é por acaso que a expressão “não deve ser apegado ao vinho” está imediatamente em seguida a “apto para

<sup>147</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 211.

<sup>148</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

<sup>149</sup> CALVINO, J. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 93.

<sup>150</sup> STRONG, A. H. STRONG HEBREW AND GREEK DICTIONARIES.

<sup>151</sup> THAYER. J. H. THAYER'S GREEK DEFINITIONS.

ensinar”. Ensinar e beber bebidas alcoólicas são duas coisas que não andam de mãos dadas.<sup>152</sup>

Burki, ao tratar a respeito do texto, apresenta um motivo para tal requisito. Para ele, alguém que permanecesse escravo de vícios como comer ou beber descontroladamente, ou que tivesse um comportamento inadequado na área sexual, não poderia orientar os novos convertidos vindos do ambiente gentílico para uma nova vida em Cristo.<sup>153</sup>

Hoje, alguém poderia argumentar que essa orientação seja óbvia em um ambiente cristão. Contudo, Kelly lembra que o problema do alcoolismo deve ter sido real na sociedade na qual as congregações de Éfeso e Creta se encontravam. O autor cita que “em Corinto alguns cristãos tinham o hábito de ficar bêbados na Ceia do Senhor (1 Co 11.21)”.<sup>154</sup>

É certo que o álcool não deve fazer parte da vida do pastor nem influenciar seu pensamento. Segundo MacArthur, “ele não deve ser beberrão, alguém que freqüente bares, botequins ou lugares associados com bebidas, onde exista um potencial para bebedeira e outros deslizos, pois corre o risco de perder o controle de si mesmo e dizer ou fazer coisas impróprias”.<sup>155</sup>

Alguns autores afirmam que o texto não indica necessariamente que o pastor deva ser totalmente abstinente em relação ao álcool. Kelly, por exemplo, afirma que “o que é condenado não é beber vinho, mas, sim, a bebedice”.<sup>156</sup> Champlin também apresenta ideia semelhante ao afirmar: “A passagem em 1 Tm 5.23 mostra que o autor não se opunha ao uso moderado do vinho. Ele apela em favor da moderação”.<sup>157</sup> É natural que se pense assim, tendo em vista este e outros textos que mostram que o consumo de bebidas alcoólicas era presente mesmo entre a igreja.

<sup>152</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 95.

<sup>153</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 211.

<sup>154</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 78s.

<sup>155</sup> MACARTHUR, J. Redescobrimo o ministério pastoral, p. 120.

<sup>156</sup> KELLY, J. N. *Op. Cit.*, p. 78.

<sup>157</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.



Entretanto, tanto Champlin como outros autores concordam que a abstinência total ainda é a conduta ideal para o pastor. Segundo ele, “isso evitará críticas, tentações e suspeitas. Ele não deveria ser e nem deveria arriscar-se a ser viciado no vinho”.<sup>158</sup>

Wiersbe também defende a posição de abstinência. Segundo ele, “um pastor piedoso certamente deseja dar o melhor exemplo possível e não ser uma desculpa para o pecado na vida de alguns irmãos mais fracos”.<sup>159</sup>

Stott expressa claramente essa opinião:

Ele (Paulo) não exigiu que fossem totalmente abstinentes, uma vez que Jesus mesmo transformou água em vinho e fez do vinho um símbolo de seu sangue. Contudo, há fortes argumentos de caráter social em favor da total abstinência, já que muitos comportamentos irresponsáveis, violentos e imorais são decorrentes do excesso de bebida.<sup>160</sup>

Com base nos argumentos apresentados, pode-se dizer que as Escrituras não proíbem expressamente o consumo moderado de bebidas alcoólicas pelo ministro. Contudo, a opção pela abstinência parece ser a mais prudente e adequada àqueles que servirão como exemplo para os irmãos da igreja.

### 3.9 mh\ p||h/kthj (não violento)

Literalmente traduzido do grego, o termo p||h/kthj (*pléktês*) significa “alguém que dá murros”. A referência pode dizer respeito à brutalidade frequentemente resultante da embriaguez. Novamente encontra-se presente a partícula negativa mh (*mê*), que indica que esta não deve ser uma característica presente na vida do pastor.<sup>161</sup>

<sup>158</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

<sup>159</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286.

<sup>160</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 95.

<sup>161</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 79.

Champlin apresenta mais detalhadamente o significado do termo original. Ele explica que a raiz da palavra **p|h/kthj** (*plêktês*) é **p|h/ssw** (*plêssô*), que significa “bater”, “ferir”, com um golpe direto com o punho, ou com uma arma na mão. Para Champlin, o sentido nesse caso seria literal.<sup>162</sup>

Burki ressalta o porquê dessa orientação. Segundo ele, uma verdadeira transformação de vida só poderia ser produzida através de modelos de vida nova vivenciados. Por esse motivo, “o presidente (**e)pi/skopoꝓ**, *episkopos*) não deve ser beberrão nem galo de briga com discurso autoritário, mas instrutor amável de uma vida verdadeira”.<sup>163</sup>

Ao tratar sobre esse requisito, Wiersbe cita uma frase de Spurgeon, que orientava seus alunos do seminário com as seguintes palavras: “não andem pelo mundo afora com os punhos fechados, prontos para lutar e carregando um revólver teológico na perna das calças”.<sup>164</sup>

### 3.10 **e)pieikh=j** (amável)

O significado da palavra **e)pieikh=j** (*epieikês*) pode ser expresso de diferentes formas. Burki faz a tradução da palavra através dos adjetivos “benigno”, “solícito” ou “transigente”, este último em um sentido contrário a um rigor inflexível que provoca contendas. Para ele, o significado da palavra pode ser atualmente compreendido também através da expressão “isento de agressão diante dos agressivos”.<sup>165</sup>

Kelly também relaciona o adjetivo com a atitude do pastor diante de pessoas agressivas. Segundo ele, **e)pieikh=j** (*epieikês*) “significa graciosa condescendência ou

<sup>162</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

<sup>163</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 212.

<sup>164</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286.

<sup>165</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. *Op. Cit.*, p. 212.

longanimidade com a qual o pastor cristão deve tratar os membros sob seus cuidados, por mais exasperadores que ocasionalmente possam ser”.<sup>166</sup>

Champlin destaca que essa característica foi presente em Cristo e que deve ser seguida pelos pastores. Ao tratar sobre o termo εἰρηικός (*epieikês*) ele escreve: “significa gentil, bondoso, pronto a ceder, dotado de espírito tolerante, pois assim o pastor estará imitando ao seu Senhor”.<sup>167</sup> Stott acrescenta ainda os termos “amabilidade” e “afabilidade” como possibilidades de tradução da palavra, e faz a mesma afirmação que Champlin, ao afirmar que essa foi uma característica de destaque no caráter do Senhor Jesus.<sup>168</sup>

Wiersbe faz uma boa aplicação do termo para os dias atuais ao afirmar que “o pastor deve ouvir as pessoas e ser capaz de aceitar críticas sem reagir. Deve permitir que outros sirvam a Deus na igreja sem fazer imposições”.<sup>169</sup>

### 3.11 amaxoj (pacífico)

O termo amaxoj (*amachos*) é a forma privativa de μαχῆ (*machê*), que, por sua vez, significa “batalha” ou “luta”. Assim, pode ser traduzido como “pacífico” ou “alguém que não participa de lutas ou batalhas”.<sup>170</sup>

Conforme Burki, ao contrário da expressão μηδὲ πλῆκθη (*mê plêktês*), que se refere àquele que evita a violência física, o significado de amaxoj (*amachos*) está mais relacionado com a pessoa que evita a briga por palavras, ou que não é irredutível no debate.

<sup>166</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 79.

<sup>167</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 309.

<sup>168</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 96.

<sup>169</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 286s.

<sup>170</sup> CHAMPLIN, R. N. Op. Cit., p. 309.

Wiersbe salienta que “os pastores devem ser pacificadores, não agitadores”. Obviamente isso não significa que o pastor deva fazer concessões indevidas em questões de fé. Nestes casos, o pastor pode discordar e manter sua opinião, mas fará isso em amor, sem tornar-se desagradável aos demais.<sup>171</sup>

### 3.12 a)fila/rguroj (não apegado ao dinheiro)

A palavra a)fila/rguroj (*aphilarguros*) é a forma negativa de fila/rguroj (*philarguros*), que significa literalmente “amigo da prata”.<sup>172</sup> Assim, o termo pode ser traduzido simplesmente como “não apegado ao dinheiro” ou simplesmente como “não avarento”.<sup>173</sup>

Essa é uma característica muito importante para o pastor, tendo em vista que este é um administrador das coisas de Deus. Por isso, o pastor não deve ser alguém movido por torpe ganância ou ambição.<sup>174</sup> Kelly afirma que nenhum cristão deve ser avarento, mas especialmente o pastor, pois este atua como “guardião da bolsa da comunidade e como responsável pela assistência aos pobres”.<sup>175</sup>

Wiersbe também afirma que o pastor não deve trabalhar por sórdida ganância. Segundo ele, “pastores cobiçosos sempre têm negócios paralelos, e tais atividades corrompem seu caráter e servem de empecilho a seu ministério”.<sup>176</sup> Champlin também concorda que o pastor não deve encontrar-se em seu ofício por causa do dinheiro. Embora possa receber uma recompensa financeira razoável, não deve esperar enriquecer e não deve trabalhar visando esse alvo.<sup>177</sup>

<sup>171</sup> WIERSBE, W. *Comentário Bíblico Expositivo*, p. 287.

<sup>172</sup> THAYER, J. H. *THAYER’S GREEK DEFINITIONS*.

<sup>173</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. *Comentário Esperança*, p. 212.

<sup>174</sup> *Ibidim*, p. 212.

<sup>175</sup> KELLY, J. N. *I e II Timóteo e Tito*, p. 79.

<sup>176</sup> WIERSBE, W. *Op. Cit.*, p. 287.

<sup>177</sup> CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado*, p. 310.

Ferreira também afirma que o pastor não deve ser avarento. Entretanto, ele reconhece que o pastor normalmente possui responsabilidade com a família e deve prover-lhe sustento, educação e meios de vencer na vida. Por esse motivo, em situações especiais em que a igreja não possui capacidade de mantê-lo, pode ocorrer que o pastor tenha que se apegar a outro meio de subsistência.<sup>178</sup>

Contudo, Ferreira defende que o ideal ocorre quando o pastor recebe seu sustento integralmente do ministério, pois assim pode se dedicar mais à execução dos trabalhos pastorais.<sup>179</sup> Para Souza, há tanto trabalho a ser feito na igreja que o tempo do pastor é normalmente insuficiente. Segundo ele, as igrejas devem cuidar do seu obreiro e dar-lhe o suficiente para que ele não se veja obrigado a recorrer a outros meios para prover a subsistência de sua família.<sup>180</sup>

Barrientos faz uma boa aplicação do termo à realidade atual, ao escrever:

Certamente, o pastor deve ser um bom administrador do dinheiro, e deve saber discernir entre o que são necessidades fundamentais da vida e do lar e o que são “luxos”. Para servir ao Senhor, deve-se viver com o que é necessário e não desenvolver atitudes de consumidor.<sup>181</sup>

### 3.13 **pro/i+sthmī** (governar bem a família)

A expressão grega **tou= i)di/ou oikou ka||w=| proi+sta/menon** (*tou idiou oikou kalôs proistamenon*) pode ser traduzida como “que governe bem a sua própria casa”. O verbo **pro/i+sthmī** (*proistêmi*) significa “governar bem”, “ser o cabeça”, “conduzir” ou ainda “gerir”. A palavra é utilizada para indicar qualquer forma de governo. Champlin

<sup>178</sup> FERREIRA, E. S. Vade-mecum do obreiro e da igreja, p. 303.

<sup>179</sup> *Ibidem*, p. 303.

<sup>180</sup> SOUZA, M. A. O pastor, p. 42.

<sup>181</sup> BARRIENTOS, A. Trabalho Pastoral, p. 67.

destaca que *proi+sthmi* (*proistêmi*) pode ter o significado secundário de “ter interesse por”, “cuidar de”, ou ainda “ajudar a”.<sup>182</sup>

Ambas as responsabilidades, de governo e de cuidado, encontram-se relacionadas com o ministério do pastor, pois, conforme Stott, ele é chamado a exercer a liderança em sua família e também na família de Deus. Sua liderança no lar é de certa forma um treinamento para que ele possa atuar na segunda.<sup>183</sup>

Para Fee, a relação entre a igreja e a família era ainda maior no período da igreja primitiva. É muito provável, levando em consideração que inicialmente as igrejas se reuniam nos lares, que os líderes da igreja primitiva eram os líderes das casas onde a igreja se encontrava.<sup>184</sup>

Entretanto, embora haja uma estreita relação entre a família e a igreja, não há necessidade de presumir que o pastor deva necessariamente ser casado e ter filhos. Champlin explica que o versículo em questão não indica que um homem sem filhos estaria desqualificado para atuar como líder da igreja. Segundo ele, “tal interpretação perverte o que aqui é dito, sendo algo inteiramente fora de consideração”.<sup>185</sup> Wiersbe possui opinião semelhante. Ele reconhece que possivelmente o casamento faça parte da vontade de Deus para a maioria dos pastores, embora isso não signifique que o mesmo deva ser casado ou, se for casado, que deva ter filhos.<sup>186</sup>

A importância do casamento para o pastor possivelmente esteja relacionada com o fato de ele ser exemplo para as demais famílias da igreja. Henry expressa tal opinião ao afirmar que “as famílias dos ministros devem ser exemplos do bem para todas as demais famílias”.<sup>187</sup> A mesma opinião é defendida por Martins e também por Ferreira.<sup>188</sup>

<sup>182</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 310.

<sup>183</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 97.

<sup>184</sup> FEE, G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 93.

<sup>185</sup> CHAMPLIN, R. N. Op. Cit., p. 310.

<sup>186</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 287.

<sup>187</sup> HENRY, M. Comentário Bíblico, p. 1025.

<sup>188</sup> FERREIRA, E. S. Vade-mecum do obreiro e da igreja, p. 300.

<sup>189</sup> Riggs, por sua vez, destaca que tal exemplo é importante pois os liderados seguem o exemplo que veem na vida de seus líderes com muito mais intensidade do que as palavras por eles proferidas.<sup>190</sup>

Além da questão do exemplo, alguns autores destacam que a capacidade de governo do lar é também um fator de avaliação quanto à qualificação do candidato ao ministério pastoral. Fee, por exemplo, afirma que quando o pastor falha na liderança de sua família, torna-se desqualificado para o ministério na igreja.<sup>191</sup> Da mesma forma, Davidson afirma que “se a pessoa fracassa em dirigir seus próprios filhos, se mostra incapaz para supervisionar a igreja, e dirigir outros eficientemente”.<sup>192</sup>

Wiersbe e Champlin também afirmam que a liderança no lar demonstra se o pastor está qualificado para o ministério.<sup>193</sup> Para Champlin, há ainda uma ordem de prioridades que deve ser seguida pelo pastor, sendo o seu lar sua primeira responsabilidade.<sup>194</sup>

Ao falar sobre a relação de prioridade entre família e igreja, Queirós apresenta o exemplo de um pastor que foi referência em sua denominação nas décadas de sessenta e setenta. Entretanto, sua diligência no ministério da igreja não foi acompanhada de um bom ministério em seu lar. O autor conclui a reflexão com o seguinte questionamento: “Será que vale a pena ter um ministério cheio de realizações e atividades, mas, no fim das contas, perder a família?”.<sup>195</sup> Tudo indica que a resposta para essa pergunta seja “não”. Nesse caso, o requisito apresentado por Paulo quanto à necessidade de o pastor governar bem sua própria casa seria também um argumento em favor de tal resposta.

<sup>189</sup> MARTINS, J. G. Manual do pastor e da igreja, p. 315.

<sup>190</sup> RIGGS, R. M. O guia do pastor, p. 71.

<sup>191</sup> FEE, G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 93.

<sup>192</sup> DAVIDSON, F. O Novo Comentário da Bíblia, p. 1317.

<sup>193</sup> WIERSBE, W. Comentário Bíblico Expositivo, p. 287.

<sup>194</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 310.

<sup>195</sup> QUEIRÓS, E. Transparência no Ministério, p. 85.

Tom Ascol, ao escrever um capítulo do livro “Amado Timóteo”, afirma que o pastor é chamado por Deus para exercer diferentes papéis e que há neles uma ordem de prioridade: em primeiro lugar, todo pastor é chamado a ser um cristão comprometido com o Senhor; em segundo e terceiro lugar, quando casado, deve ser um bom marido e um bom pai de família, em quarto lugar se encontra sua responsabilidade como ministro na igreja. Por fim, o pastor também é chamado a ser um auxiliador em outras áreas de envolvimento, tanto na igreja quanto na sociedade.<sup>196</sup>

### 3.14 mh\ neo/futoj (não novato, ou não novo convertido)

O termo **neo/futoj** (*neophutos*), normalmente traduzido como “neófito” ou “novato”, significa literalmente “recém plantado”. A partícula negativa **mh\** (*mê*) indica que o pastor não deve ser uma pessoa recentemente convertida.<sup>197 198</sup> Kelly destaca que esta é a única ocorrência do termo no NT.<sup>199</sup>

Tal requisito para o pastor é justificável tendo em vista que seu fracasso no ministério não afetaria somente a ele, mas a muitos.<sup>200</sup> Conforme indica o próprio texto bíblico, o grande perigo para as pessoas que ainda não possui uma caminhada na fé é a tentação da soberba. Segundo Burki, “a tentação da soberba não pode ser banida definitivamente nem mesmo por anos de aprovação, mas para os recém-convertidos ela será quase inevitável”.<sup>201</sup>

Henry destaca quão grande é o perigo da soberba lembrando que este é um pecado que transformou os anjos em demônios.<sup>202</sup> Tal afirmação está relacionada com a

<sup>196</sup> ASCOL, T. K. *Amado Timóteo*, p. 28s.

<sup>197</sup> CHAMPLIN, R. N. *O Novo Testamento Interpretado*, p. 310.

<sup>198</sup> FEE, G. D. *Novo Comentário Bíblico Contemporâneo*, p. 94.

<sup>199</sup> KELLY, J. N. *I e II Timóteo e Tito*, p. 80.

<sup>200</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. *Comentário Esperança*, p. 214.

<sup>201</sup> *ibidem*, p. 214.

<sup>202</sup> HENRY, M. *Comentário Bíblico*, p. 1025.



afirmação presente no texto bíblico de que a condenação da soberba é a “mesma condenação em que caiu o diabo” (1 Tm 3.6b).

Nenhum dos autores consultados expressa quanto tempo seria necessário para que uma pessoa fosse considerada com experiência suficiente para assumir o ministério pastoral. É possível que o requisito para tal avaliação não se baseasse primeiramente no tempo de conversão do indivíduo, mas na maturidade demonstrada em suas atitudes. Na opinião de alguns intérpretes, Timóteo, por exemplo, era alguém relativamente jovem.<sup>203</sup> Entretanto, este havia se mostrado capaz em várias ocasiões para o exercício do ministério, tanto que Paulo frequentemente lhe confiava missões especiais.<sup>204</sup>

Stott relaciona o fato dos pastores serem chamados primeiramente de “anciãos” (*presbuteroi*, *presbuteroi*), pois “eram de certa idade e maduros na fé”.<sup>205</sup> Obviamente a idade não é garantia de maturidade. Mas, ainda assim é bom ao homem dar a si mesmo tempo para estudar e crescer antes de assumir o ministério pastoral em uma igreja.<sup>206</sup> É possível que se tal exigência fosse observada com mais rigor na atualidade, certos problemas existentes nas igrejas e causados pela falta de experiência de seus líderes pudessem ser evitados.

### 3.15 *marturi/a* (bom testemunho perante os de fora)

A expressão *marturi/an kalh\ n exein apo\ tw= n ecw@en* (*marturian kalên echein apo tôn exôthen*) é traduzida de maneira ligeiramente diferente dependendo da versão bíblica. Na versão NTLH, a expressão encontra-se traduzida como “seja respeitado pelos de fora da igreja”. Na versão ARA, a tradução encontrada é “tenha bom testemunho dos de fora”, enquanto na NVI lê-se “ter boa reputação perante os de fora”.

<sup>203</sup> BAXTER, J. S. *Examinai as escrituras*, p. 249.

<sup>204</sup> HÖRSTER, G. *Introdução e síntese do Novo Testamento*, p. 137.

<sup>205</sup> STOTT, J. *A mensagem de I Timóteo e Tito*, p. 98.

<sup>206</sup> WIERSBE, W. *Comentário Bíblico Expositivo*, p. 287.

Pode-se dizer que os termos “respeito”, “reputação” e “testemunho” possuem certa relação entre si. Contudo, para uma melhor compreensão do texto bíblico, é importante analisar mais detalhadamente o substantivo *marturi/a* (*marturia*) presente na frase.

A palavra *marturi/a* (*marturia*) pode ser traduzida como “testemunho”, podendo indicar também “aquilo que serve como prova sobre algo”. Pode ser relacionada com a reputação de alguém ou com um testemunho verbal sobre a veracidade de algo. Conforme Champlin, esse último sentido é o que está sendo utilizado nesse caso.<sup>207</sup>

A palavra *ecw@en* (*exôthen*) se refere às pessoas que não fazem parte da igreja.<sup>208 209</sup> Stott destaca que a referência aos que não são cristãos serve para que o povo de Deus lembre que o mundo os está observando. O bom comportamento dos cristãos é de grande importância para que estes possam ganhar o respeito dos incrédulos.<sup>210</sup>

Calvino reconhece a dificuldade de que o pastor tenha como testemunhas de sua integridade pessoas que não fazem parte da igreja e que muitas até mesmo se opõem a ela. Em suas palavras:

Parece ser muito difícil que um homem religioso deva ter como testemunhas de sua integridade, os mesmos infiéis que estão furiosamente enraivecidos a mentir contra nós. Mas o apóstolo quer dizer que com relação ao comportamento externo, os mesmo incrédulos se vejam obrigados a reconhecer o bispo como um homem bom.<sup>211</sup>

Henry chega a afirmar que “o ministro deve ter boa reputação entre os seus vizinhos, e ser irrepreensível em sua vida pregressa”.<sup>212</sup> Certamente isso é desejável. Entretanto, existem casos de pessoas que cometeram erros no passado, mas mudaram de vida após a conversão e tornaram-se líderes nas igrejas. O próprio apóstolo Paulo afirma que anteriormente havia sido “blasfemo, perseguidor e insolente” (1 Tm 1.13). Nesses

<sup>207</sup> CHAMPLIN, R. N. O Novo Testamento Interpretado, p. 311.

<sup>208</sup> *ibidem*, p. 311.

<sup>209</sup> BOOR, W.; BÜRKI, H. Comentário Esperança, p. 215.

<sup>210</sup> STOTT, J. A mensagem de I Timóteo e Tito, p. 98.

<sup>211</sup> CALVINO, J. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo, p. 98s.

<sup>212</sup> HENRY, M. Comentário Bíblico, p. 1025.

casos, é necessário que as pessoas de fora da igreja percebam a transformação na vida do pastor. Caso este fracasse em seu testemunho, é muito provável que os incrédulos criem uma antipatia por ele e pela igreja.<sup>213 214</sup>

---

<sup>213</sup> KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito, p. 81.

<sup>214</sup> FEE. G. D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo, p. 95.

## CONCLUSÃO

Após a realização do presente estudo, se concluiu que os termos “presbítero” (presbu/teroῖ, *presbuteros*), “bispo” (ἐπι/σκοποι, *episkopos*) e “pastor” (ποιμῆν, *poimên*) presentes na Bíblia referem-se ao que hoje as igrejas evangélicas históricas definem como sendo a função de “pastor”. Também se verificou que todos os quinze requisitos apresentados pelo apóstolo Paulo a Timóteo permanecem tendo a mesma importância nos dias de hoje, ainda que, em virtude das diferenças culturais e de idioma, nem sempre seu verdadeiro significado seja facilmente compreendido através da simples tradução do texto bíblico para o português.

Um dos pontos de maior controvérsia foi a expressão “marido de uma só mulher”. Nesse caso, a compreensão de que Paulo se referia aos casos de poligamia parece ser a mais correta, sem invalidar de maneira alguma o entendimento de que o pastor também deve ser exemplo em fidelidade matrimonial. A questão do uso ou abstinência do vinho também gera certa polêmica em algumas regiões do país. Nesse caso, foi possível concluir que, embora a Bíblia não condene o consumo moderado de vinho, a abstinência parece ser a melhor opção do pastor tendo em vista o bem dos demais membros da igreja.

Embora o texto de I Timóteo 3.1-7 não trate especificamente da função que deve ser exercida pelo pastor na igreja, os quinze requisitos estudados permitem que algumas atribuições do pastor sejam entendidas indiretamente. Os requisitos de irrepreensibilidade, marido de uma só esposa, sobriedade, prudência, respeitabilidade e hospitalidade parecem indicar que o pastor possui um papel de modelo para os demais cristãos. A necessidade de habilidade para o ensino também indica que esta tarefa está relacionada ao exercício do ministério pastoral. Do mesmo modo, o governo e o cuidado da igreja podem ser interpretados pela necessidade de o pastor governar bem sua própria casa antes de assumir tal responsabilidade perante a igreja. E, por fim, a boa reputação perante os de fora indica que o pastor é uma referência não somente para a igreja, mas também da igreja perante a sociedade. É possível que tais

atribuições do ministério pastoral sejam o objeto de um estudo posterior, aproveitando a base lançada pelo presente trabalho.

É preciso ainda reconhecer há dois lados que devem ser igualmente avaliados com relação aos requisitos e funções do ministério pastoral. Em primeiro lugar, a experiência tem mostrado que a falta de avaliação criteriosa dos candidatos ao ministério tem gerado muitos problemas de mau testemunho na sociedade, o que dificulta o trabalho de evangelização da igreja gerando muito descrédito por parte da sociedade com relação aos demais pastores que exercem seu papel com seriedade. Por outro lado, deve-se ter cuidado de não gerar uma cobrança excessiva sobre o pastor. É preciso lembrar que o pastor não é um homem perfeito, mas alguém que deve estar buscando com seriedade servir a Deus da melhor forma possível dentro de suas limitações pessoais.

Os requisitos para o ministério pastoral não devem se tornar objeto de cobrança excessiva por parte da igreja, mas devem servir como orientação para que ambos, igreja e pastor, busquem caminhar dentro da vontade de Deus. A igreja pode usar tais indicações bíblicas como forma de ajudar seu pastor a cumprir com excelência seu ministério, assim como o pastor pode usar tais requisitos para direcionar sua vida de forma a servir a Deus e à igreja. Se ambos agirem assim, certamente estarão dando exemplo de amor e, por consequência, cumprindo o mandamento supremo do nosso Senhor Jesus.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Pat; ALEXANDER, David (Edit). Manual Bíblico SBB. Barueri: SBB, 2008. 816 p.

ASCOL, Thomas K. Amado Timóteo: uma coletânea de cartas ao pastor. São José dos Campos: Fiel, 2005. 316 p.

BARRIENTOS, Alberto. Trabalho Pastoral. Campinas: Cristã Unida, 1991. 278 p.

BAXTER, J. Sidlow. Examinai as Escrituras: Atos a Apocalipse. São Paulo: Vida Nova, 1995. Vol. 6, 376 p.

BOOR, Werner de; BÜRKI, Hans. Comentário Esperança: Cartas aos tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemon. Curitiba: Esperança, 2007. 453 p.

BROWN, Colin; COENEN, Lothar. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BRUCE, F. F. Comentário Bíblico NVI: Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2009. 2271 p.

CALVINO, Juan. Comentarios a las epístolas pastorales de San Pablo. Barcelona: Tell, 415 p.

CHAMPLIN, Russel Norman. O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2002. Vol. 5, 670 p.

DAVIDSON, F. O Novo Comentário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 2, 1487 p.

DOUGLAS, J. D. O Novo Dicionário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1991. 780 p.

ELWELL, Walter A. Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vol. 3, 674 p.

ERICKSON, Millard J. Introdução à Teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.

FEE, Gordon D. Novo Comentário Bíblico Contemporâneo: 1 e 2 Timóteo, Tito. São Paulo: Vida, 1994. 316 p.

FERREIRA, Ebenézer Soares. Vade-mecum do obreiro e da igreja. Rio de Janeiro: Campos, 1973. 400 p.

- GRUDEM, Wayne. Teologia Sistemática. São Paulo: Vida Nova, 1999. 1046 p.
- HENRY, Matthew. Comentário Bíblico. Rio de Janeiro: CPAD, 2002. 1116 p.
- HISCOX, Edward T. Manual das Igrejas Batistas. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1966. 159 p.
- HÖRSTER, Gerhard. Introdução e síntese do Novo Testamento. Curitiba: Esperança, 1996. 197 p.
- KELLY, J. N. I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983. 233 p.
- KITTEL, Gerhard. A Igreja no Novo Testamento. São Paulo: Aste, 1965. 330 p.
- MACARTHUR, John. Redescobrimo o ministério pastoral. Rio de Janeiro: CPAD, 1998. 452 p.
- MARTINS, Jaziel Guerreiro. Manual do pastor e da igreja. Curitiba: A. D. Santos, 2009. 373 p.
- MOTYER, J. A.; GUTHRIE D. Nuevo Comentario Bíblico. Casa Bautista de Publicaciones, 1985. 972 p.
- QUEIRÓS, Edison. Transparência no Ministério: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1999. 216 p.
- REGA, Lourenço Stelio; BERGMANN, Johannes. Noções do grego bíblico: gramática fundamental. São Paulo: Vida Nova, 2004. 409 p.
- RIGGS, Ralph M. O guia do pastor. São Paulo: Vida. 1996. 268 p.
- ROBERTSON A. T. Épocas na vida de Paulo: um estudo do desenvolvimento da carreira de Paulo. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. 293 p.
- SCHOLZ, Vilson. Novo Testamento interlinear grego-português. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004. 992 p.
- SEVERA, Zacarias de A. Manual de Teologia Sistemática. Curitiba: A. D. Santos, 1999. 504 p.
- SOUZA, Manoel Avelino de. O pastor. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1956. 268 p.
- STOTT, John. A mensagem de I Timóteo e Tito: a vida da igreja local: a doutrina e o dever. São Paulo: ABU, 2004. 238 p.

STRONG, Augustus H. Strong Hebrew And Greek Dictionaries. Disponível em <<http://www.e-sword.net/index.html>>. Acesso em: 20/06/2012.

STRONG, Augustus H. Teologia Sistemática. São Paulo: Hagnos, 2003. Vol. 2, 880 p.

THAYER, Joseph Henry. Thayer's Greek Definitions. Disponível em <<http://www.e-sword.net/index.html>>. Acesso em: 20/06/2012.

UNGER, Merrill Frederick. Manual Bíblico Unger. São Paulo: Vida Nova, 2006. 743 p.

WIERSBE, Warren W. Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento. Santo André: Editora, 2006. Vol. 2, 796 p.